







MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA

NOTA TÉCNICA № 19/2020/CONARE_Administrativo/CONARE/DEMIG/SENAJUS/MJ

PROCESSO Nº 08018.003361/2019-49

INTERESSADO: COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS - CONARE

ESTUDO DE PAÍS DE ORIGEM - SÍRIA

ANÁLISE DE INCIDÊNCIA DE GRAVE GENERALIZADA VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS

Este relatório analisa a situação institucional e fática da República Árabe Síria por meio da pesquisa detalhada de Estudo de País de Origem - EPO, e trata de análise, reconhecimento e aplicabilidade de situação de Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos, conforme previsto no inciso III, art. 1º da Lei nº 9.474, de julho de 1997.

O espírito desse dispositivo foi inspirado na Declaração de Cartagena, de 1984. Esse documento reforçou junto à comunidade internacional a necessidade de estender a condição de refugiado às pessoas que deixaram seus países de origem porque a vida, a segurança ou a liberdade foram ameaçadas por uma situação de violência generalizada, agressão estrangeira, conflitos internos, violação maciça dos direitos humanos ou circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública.

As diretrizes de Cartagena, bem como as considerações do MRE (Ministério das Relações Exteriores), serão utilizadas como critério para filtrar e consolidar as informações da Síria. A sistemática terá finalidade de garantir informações consistentes, com indicadores objetivos e mensuráveis, oferecendo o suporte necessário ao Comitê Nacional para os Refugiados - Conare.

A seguir estão apresentadas informações que permitem compreender o atual contexto da República Árabe Siria como uma situação de grave e generalizada violação de direitos humanos, conforme os parâmetros adotados na Declaração de Cartagena.

CONTEXTUALIZAÇÃO - CRONOLOGIA

País localizado no Oriente Médio, a República Árabe da Síria faz fronteira com a Jordânia ao sul, Israel ao sudoeste, Iraque ao leste e ao sudeste, Turquia ao Norte e Líbano ao oeste. Em sua fronteira noroeste é banhada pelo Mar Mediterrâneo. Em seus 187 mil quilômetros quadrados de área estão distribuí dos atualmente cerca de dezesseis milhões de habitantes, quatro milhões a menos do que o país possuía em 2010, antes da eclosão da guerra civil [1].

A análise de eventual situação de Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos nesse país deve envolver, necessariamente, a compreensão da sua estrutura política, bem como a sucessão de disputas e eventos que levaram à atual guerra civil. Trata-se de um entendimento que deve ir além do senso comum pelo qual a "Primavera Árabe" de 2011 é percebida como marco inicial do atual conflito, e que busca no contexto histórico do surgimento do estado Sírio - em suas especificidades econômicas, políticas, diplomáticas e socais - os elementos que levaram ao cenário que atualmente se observa no país.

Esse contexto histórico nos ensina que a região onde atualmente se encontra a Síria é, desde muito tempo, um local estratégico. Devido a sua posição geográfica, a disponibilidade de água potável e a relativa boa qualidade da terra para cultivo, a região foi sempre considerada como um importante nó de ligação entre o oriente e o ocidente. Não por outra razão, foi ocupada e anexada pelo Império Turco Otomano no início do século XVI, tendo permanecido sob esse domínio até 1918. Nesse ano, durante conflitos inseridos no contexto da Primeira Guerra Mundial, tropas árabes auxiliadas por forças britânicas capturaram Damasco e puseram fim à ocupação otomana que perdurava por mais de 400 anos

Após os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial e a consequente fragmentação do Império Otomano, as potências vencedoras dividiram a administração do território por acordos como os de Sykes-Picot Picot (1916), Sèvres (1920) e Lausanne (1923). Foram oficialmente separados em territórios distintos a Jordânia, a Palestina, a Síria e o Líbano, regiões que formavam o Bilad Al Sham, ou Grande Síria, como era conhecida a região mesmo antes do Império Romano do Oriente. O Reino Unido adquiriu o mandato da região da Palestina e da Jordânia, enquanto Síria e Líbano passaram a ter mandato francês. Importante ressaltar que tais divisões não observaram elementos identitários dos povos da região, o que décadas depois iria influenciar os movimentos que culminaram na atual guerra civil [21].

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, diversas colônias europeias no oriente médio, dentre elas, Síria e Líbano, perceberam uma oportunidade e passaram a reivindicar suas independências. Nesse contexto floresceram movimentos nacionalistas árabes, exemplificados na criação da Liga dos Estados Árabes, em 1945. Tais movimentos, diante de uma Europa enfraquecida pelos esforços da guerra, retroalimentaram as tentativas de independência e soberania, culminando, por exemplo, na independência da Síria, em 1945 [3].

Logo depois de sua independência, a Síria tornou-se uma república parlamentar e obteve apenas um pequeno período estável. Em 1948, a primeira guerra árabe-israelense evidenciou uma ameaça geograficamente próxima, levando a demandas políticas e populares por mais poderio militar. Em abril de 1949 ocorreu a primeira das tentativas de golpe militar contra Shukri al-Quwatli, presidente eleito em 1943, mesmo antes da independência, e reeleito em 1948. Em setembro de 1949 houve uma segunda tentativa de golpe, também infrutífera. Pouco depois, ainda em 1949, o Coronel Adib

Shishakli usurpou o poder e tornou-se Ditador da Síria [4].

Shishakli iniciou um amplo programa de reorganização, visando estabilizar a vida política e administrativa na Síria, de modo a garantir sua própria hegemonia. Todavia, suas políticas foram percebidas pelas lideranças do país como repressivas e arbitrárias, e essa repressão, junto à perda de contato e apoio de seus parceiros militares, levou a sua deposição em fevereiro de 1954. Com a deposição, os políticos tradicionais retornaram ao cenário com o apoio dos militares e, no mesmo ano, o Parlamento sírio se reorganizou [5].

A partir desse momento é possível observar um importante crescimento do partido Baath [6]*, que se tornou importante força política do país. Contudo, a despeito dessa importância, o Baath não foi capaz de contornar a fragmentação política do país e traduzir essa importância em ganhos políticos. Nas eleições de 1955, conseguiu apenas 19 dos 142 assentos no Congresso. Contudo, nenhum outro partido foi capaz de assumir o protagonismo no país [7], o que implicou em um Estado frágil, no entrelugar da debilidade econômica, baixa credibilidade política e receio do poderio do Estado de Israel.

Foi esse o cenário que viabilizou a emergência e o fortalecimento de uma narrativa pan-arabista, a qual buscava compensações para a humilhação do período colonial por meio da reunião de territórios árabes divididos e que contava com Gamal Abdel Nasser, o então carismático Presidente do Egito, como seu principal expoente. Assim, diante de suas próprias tensões internas e da fragilidade de suas lideranças, em fevereiro de 1958 a Síria uniu-se ao Egito com o apoio da maior parte dos partidos de oposição sírios, militares e conversadores, além da articulação do próprio Baath. Formou-se assim a República Árabe Unida, comandada por Abdel Nasser [8]. Entretanto, pouco a pouco, Síria e Egito entraram em divergências, em grande medida pela política de Nasser — entendida como um capitalismo de Estado e não como socialista, nacionalista e pan-arábica, como desejavam as lideranças sírias - e pela perda de espaço dos partidos sírios [9]. Assim, em Setembro de 1961, o Baath, sobretudo sua corrente de esquerda, consegue promover a retirada da Síria da União [10].

Todavia, no tempo decorrido entre 1958 e 1961, os integrantes históricos do Baath perderam protagonismo, ao passo que militares vinculados ao partido passaram a comandá-lo. Entre esses militares, destacava-se Hafez al-Assad [11]*, pai do atual presidente da Síria. Em 1963, a ala militar do Baath realizou um novo golpe de Estado, provocando a saída do então presidente Khalid al-Azm. Nos anos seguintes, a liderança do país passou por sucessivas trocas, e em 1966 houve mais um golpe, sendo este comandado por Salah Jedid, General do Comitê Militar sírio. Tratou-se de um golpe interno, direcionado à liderança civil do Partido. A despeito de vários políticos terem ocupado o posto de primeiro-ministro no período pós-66, Jedid tornou-se o efetivo governante do país, ao passo que Hafez al-Assad foi nomeado Ministro da Defesa [12].

No governo de Salah Jadid ocorreram mudanças importantes, como uma reforma agrária e uma maior participação do estado na economia, o que, naquele momento, contribuiu para a estabilização da Síria. Esse guinada à esquerda, contudo, produziu novos esgarçamentos dentro do Baath. Além disso, a liderança de Jadid buscou promover um engajamento popular e se predispôs a oferecer apoio militar à Organização para a Libertação da Palestina, sobretudo nas tensões entre Palestina e Israel [13]. Essa promoção, contudo, não foi suficiente para evitar uma impactante derrota na Guerra árabe-israelense de 1967. Como consequência desse conflito, Israel passou a ocupar a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, as Colinas de Golã, além da parte oriental da cidade de Jerusalém [14]. Além do próprio impacto da derrota, o envolvimento nesse conflito foi visto por alas do Baath como uma irresponsabilidade de Salah Jadid, o que levou ao seu enfraquecimento no partido e no país [15].

Assim, com esse enfraquecimento, houve mais um golpe de estado. Em novembro de 1970, Hafez al-Assad tomou o poder do então presidente Nur al-Din al-Atassi e aprisionou Salah Jadid, o então efetivo mandatário do país. Esses eventos constituíram uma mudança de rota no país: ainda que de forma autoritária, restringindo direitos básicos e prendendo opositores e críticos, Assad foi capaz de estabilizar o país por um longo período, tanto em termos econômicos como políticos, algo que não ocorria na Síria desde a independência [16].

Nos primeiros anos de governo, Assad declarou que o partido Baath possuía o status único de "líder do Estado e da sociedade", o que foi utilizado para marginalizar e tornar ilegais todos os outros partidos políticos do país. O Baath buscava um movimento pan-árabe explicitamente secular e desvinculado ideologicamente do Ocidente, atraindo diversas comunidades étnicas e religiosas minoritárias, marginalizadas social e politicamente durante o Império Turco-Otomano. Em paralelo, grupos economicamente vulneráveis acreditavam que as tendências socialistas do partido levariam o país a uma distribuição mais igualitária de riquezas, bens e servicos [17].

Nas décadas de 70 e 80, Hafez al-Assad adotou reformas e políticas socialistas no país. No entanto, com a queda da União Soviética e da consequente diminuição de credibilidade de políticas marxistas, novas mudanças ocorreram no sentido de uma maior liberalização econômica, traduzidas em uma série de reformas no final dos anos 1980 e 1990. Ressalta-se que Hafez resistiu à pressão de outros países e movimentos árabes, como a Irmandade Muçulmana, e não declarou a Síria como uma República Islâmica. É bem verdade que alguns conflitos ocorreram após a chegada de Assad ao poder. Destaca-se, por exemplo, a guerra contra Israel em 1973 [18]; a interferência das forças militares da Síria na guerra civil do Líbano [19]*, em 1976, a pedido do governo desse próprio país [20] [21]; as rebeliões de grupos islâmicos sunitas nas cidades sírias de Aleppo, Homs e Hama, em vários momentos dos anos 1980; e o envolvimento na guerra entre Iraque e Kuwait, nos anos 1990. Contudo, foi um período marcado pela ausência de novos golpes de estado e com relativa liberdade religiosa ancorada no secularismo, o que levou a um cenário de estabilidade que perdurou por muitos anos [22].

No dia 10 de junho de 2000, em Damasco, Hafez al-Assad morreu vítima de um ataque cardíaco. Em julho, seu filho Bashar al-Assad assumiu a presidência do país após ser nomeado candidato único pelo Baath e ser eleito mediante referendo [23]. A partir desse momento houve uma sucessão de eventos eventos que culminam com a eclosão da Guerra Civil da Síria, em 2011. Abaixo, estão destacados os principais desses acontecimentos:

2001 [24]

- Tropas Sírias deixam Beirute e se redistribuem pelo Líbano.
- Parlamentares e outros ativistas reformistas são presos, acabando com as esperanças do fim do autoritarismo do governo do partido Baath. Prisões continuam, com eventuais anistias sendo concedidas ao logo da década seguinte.

2002 [25]

A Síria é incluída no denominado "Eixo do Mal" pela administração do Presidente dos Estados Unidos da América - EUA, George Walker Bush. O governo de Assad é acusado de estar adquirindo Armas de Destruição em Massa.

2004 [26]

- O presidente Assad visita oficialmente a Turquia, pondo fim ao congelamento das relações diplomáticas entre esses países, que perdurava por décadas.
- Os EUA impõe sanções econômicas à Síria por acreditar que seu governo financiava atividades terroristas.

2005 [27]

- Tensões com os EUA aumentam após o assassinato do ex Primeiro Ministro libanês, Rafik Hariri, em Beirute. Os EUA acusam o governo sírio de ter envolvimento com o crime.
- Aumenta a pressão internacional para que a Síria desocupe totalmente o Líbano, o que é feito em abril.

2006 [28]

Iraque e Síria restauram as relações diplomáticas que haviam sido rompidas no início da década de 1990, quando o Iraque estava em guerra com o Kuwait.

2007 [29]

- União Europeia reabre o diálogo com a Síria. Presidente da Câmara dos Deputados americana se encontra com Assad em Damasco.
- Secretária de Estado americana Condoleeza Rice se encontra com o Ministro das Relações Exteriores sírio, Walid Muallem.
- Israel realiza um bombardeio contra instalações nucleares que estavam em construção no norte

2008 [30]

- Presidente Assad se encontra com o Presidente Francês Nicolas Sarkozy em Paris. A visita marca o fim do isolamento diplomático imposto pelo Ocidente após o assassinato do ex Primeiro Ministro Libanês, Rafik Hariri, em 2005.
- Síria estabelece relações diplomáticas oficiais com o Líbano pela primeira vez desde que ambos conquistaram suas respectivas independências na década de 1940.

2010 [31]

EUA renova sanções contra a Síria, acusando seu governo de auxiliar grupos terroristas, tentar iniciar a produção de armas de destruição em massa e de armar com misseis balísticos o Hezbollah - grupo militante e partido político libanês que possui um braço armado e que foi fundado durante a Guerra Civil libanesa para resistir à ocupação israelense. Esse tipo de iniciativa é percebida como uma violação de resoluções da Organização das Nações Unidas -ONU

2011 [32] [33]

- Em marco, forças de segurança sírias matam a tiros protestantes na cidade sulista de Daraa que exigiam a libertação de presos políticos, os quais continuavam a serem encarcerados. Tal acontecimento engatilhou agitações violentas que se espalharam por todo o país nos meses seguintes. O presidente Assad tenta apaziguar a situação, libertando dezenas de presos políticos, aumentando o salário de servidores públicos e prometendo acabar com o estado de emergência que perdurava no país por 48 anos, além licenciar novos partidos políticos. Mas isso não leva aos resultados esperados e as agitações continuam.
- Em maio, tanques de guerra do exército sírio adentram as cidades de Daraa, Homs, Banyas e Damasco na tentativa de acabar com os protestos contra o governo.
- Os EUA e a União Européia UE intensificam as sanções ao país.
- Em junho, a Agência Internacional de Energia Atômica AIEA reporta ao Conselho de Segurança da Nações Unidas - CSNU o suposto funcionamento de programa nuclear secreto na
- Em julho, o presidente Assad envia tropas a Hamã para o restabelecimento da ordem pública, causando diversas mortes de civis no processo.
- Em outubro, China e Rússia usam o poder de veto no CSNU para barrar uma resolução que exigia que o governo sírio parasse imediatamente com a repressão violenta aos opositores.
- Em novembro, a Liga dos Estados Árabes LEA decide suspender o mandato da Síria na organização, acusando seu governo de fracassar na implementação de um Plano de Paz Árabe e impondo diversas sanções ao país. A Turquia é outro país a impor sanções ao governo sírio.

2012 [34] [35]

- Em janeiro, a LEA suspende sua missão na Síria devido a falta de segurança.
- Em fevereiro, o governo sírio começa a bombardear o próprio território, atacando Homs e outras cidades sob domínio rebelde.
- Em março, o CSNU aprova plano de paz não vinculante (após a China e a Rússia vetarem resoluções mais assertivas e condenatórias em fevereiro).
- Em junho, o exército sírio derruba um avião turco, fazendo com que o governo da Turquia declare que qualquer tropa síria que for avistada perto de sua fronteira será considerada uma ameaca militar.
- Em julho, o Exército Livre da Síria (ELS) explode três centros de segurança do governo na capital Damasco e toma partes da cidade de Aleppo.

- Em agosto, o Primeiro Ministro sírio Riad Hijab deserta e o presidente americano Obama adverte o governo sírio de que o uso de armas químicas levaria os EUA a considerar uma intervenção militar.
- Em outubro, cinco pessoas morrem na cidade turca de Akcakale após bombardeios que partiram da Síria. Em resposta, a Turquia dispara mísseis contra alvos sírios e seu parlamento autoriza uma resolução que permite o governo enviar soldados a países estrangeiros.
- Em novembro, tiros de aviso são disparados por Israel contra a Síria após um fragmento de morteiro sírio atingir um posto militar israelense. Foi o primeiro disparo israelense contra a Síria desde a Guerra do Yom Kippur, na década de 70.
- Ainda em novembro, a Coalizão Nacional Síria da Oposição e das Forças Revolucionárias é
 formada em reunião no Qatar através da junção de diversos grupos oposicionistas seculares. Em
 dezembro, tal coalização passa a ser reconhecida por EUA, Reino Unido, França, Turquia e
 países do Golfo Pérsico como representantes legítimos do povo sírio.
- Diversos países decidem fechar suas embaixadas e representações diplomáticas na Síria ao longo do ano devido à generalizada falta de segurança.

2013 [36] [37]

- Em janeiro, uma base militar síria perto de Damasco é bombardeada. O governo sírio acusa Israel de tal ato. O Hezbollah é acusado por Israel de organizar atividades militares na região.
- Ainda em janeiro, Assad anuncia publicamente que não irá renunciar e que a sua visão de futuro
 para a Síria inclui uma nova constituição e meios para oposição atuar no país. A oposição se
 recusa a trabalhar em conjunto com Assad.
- Em setembro, ocorre um grande ataque com armas químicas em Damasco, com mais de 300 pessoas mortas (ataques menores já haviam sido reportados ao longo do ano). o governo sírio é acusado da autoria e os EUA advertem que irão aumentar seu apoio aos rebeldes. Como consequência, Assad autoriza a ONU a destruir o arsenal químico sírio (por aconselhamento russo), o que é supostamente concluído em junho de 2014. O plano para eliminar as armas químicas declaradas da Síria é confeccionado em concordância pelos EUA e Rússia.
- Em dezembro, os EUA e o Reino Unido suspendem o apoio não letal aos rebeldes no norte da Síria após relatórios apontarem que grupos fundamentalistas islamistas tomaram as bases dos rebeldes do Exército Livre da Síria, o qual é secular e tem o apoio do ocidente.

2014 [38] [39]

- Negociações de paz intermediadas pela ONU em Genebra fracassam: autoridades sírias se recusam a discutir um governo de transição.
- Em fevereiro, é aprovada com unanimidade no CSNU uma resolução que aumenta exponencialmente a ajuda humanitária na Síria.
- Em março, o exército sírio e o Hezbollah recapturam a cidade de Yabroud, último bastião rebelde perto da fronteira com o Líbano.
- Em junho, o Estado Islâmico do Iraque e Síria (ISIS) surge e declara um califado no território que vai de Aleppo à parte oriental da província Iraquiana de Diyala.
- Ainda em junho, o presidente Bashar al-Assad é reeleito presidente com 89% dos votos na primeira eleição presidencial desde o início da guerra civil, em 2011.
- Em setembro, os EUA e outros cinco países árabes promovem ataques aéreos contra o Estado Islâmico nos arredores de Aleppo e Raqqa.

2015 [40] [41]

- Em janeiro, forças curdas [42]* expulsam o Estado Islâmico da cidade de Kobanî, na fronteira com a Turquia, após 4 meses de combate.
- Em maio, o Estado Islâmico toma a cidade de Palmira, na região central do país, e começa a destruir monumentos históricos pré-islâmicos.
- Ainda em maio, o Exército da Conquista (aliança rebelde formada por grupos armados islamistas e fundamentalistas) toma controle da província de Idlib.
- Em setembro, a Rússia, aliado histórico da Síria e que já estava financiando a Síria no conflito, envolve-se diretamente e realiza seu primeiro ataque aéreo, alegando que o alvo seria o Estado Islâmico. No entanto, os países ocidentais e a oposição Síria afirmam que o alvo são as forças rebeldes que lutam contra o presidente Assad.
- Ainda em setembro, os EUA afirmam que a Rússia está, aparentemente, estabelecendo uma base operacional avançada no oeste da Síria, na área em torno da cidade portuária de Lataquia.
 O presidente russo Vladimir Putin diz que a Rússia está apenas apoiando o governo sírio em sua luta contra o ISIS
- Em outubro, os EUA anunciam que enviarão cerca de 50 tropas de operações especiais para auxiliar as Forças Democráticas Sírias - FDS, as quais lutam contra o Estado Islâmico na região curda no norte da Síria.
- Em dezembro, o governo sírio permite que os rebeldes evacuem as áreas restantes de Homs, retomando controle da terceira maior cidade síria após 4 anos de combate.

2016 [43] [44]

- Em março, forças governamentais sírias retomam controle de Palmira e expulsam o Estado Islâmico com o auxílio aéreo russo.
- Ainda em março, a Rússia começa a retirar suas tropas da Síria, alegando que seu objetivo de auxiliar o governo legítimo Sírio a retomar o controle dos territórios tomados pelos rebeldes foi cumprido.
- Em agosto, tropas da Turquia adentram território Sírio para ajudar grupos rebeldes a expulsar tanto o Estado Islâmico como os grupos curdos da região fronteiriça.
- Em setembro, um ataque aéreo mata pelo menos 23 civis, incluindo 9 crianças. Rússia e EUA acusam um ao outro da autoria de tal ataque.

- Ainda em setembro, um ataque aéreo liderado pelos EUA perto do Aeroporto de Deir Zor mata 62 soldados sírios. Os EUA alegam que o alvo era o Estado Islâmico.
- Em dezembro, o governo sírio perde novamente o controle de Palmira para o Estado Islâmico, mas expulsam os rebeldes e reconquistam Aleppo, a maior cidade do país e última grande fortaleza sob o controle rebelde, com o auxílio aéreo da Rússia e de milícias xiitas financiadas pelo Irã em razão dos interesses deste país na permanência de Assad. O CSNU realiza uma reunião de emergência para discutir as mortes civis e execuções sumárias ocorridas em Aleppo.

2017 [45] [46]

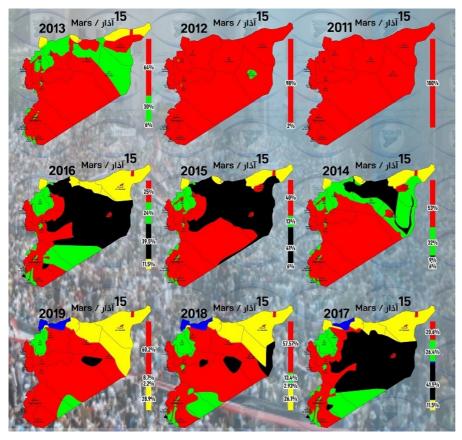
- Em janeiro, após negociações no Cazaquistão, Rússia, Irã e Turquia chegam a um acordo de cessar-fogo com o governo sírio e rebeldes não islamistas.
- Em abril, o presidente americano Donald Trump ordena um ataque balístico em uma base aérea do governo sírio que supostamente coordenou um ataque com armas químicas contra os rebeldes sírios da cidade de Khan Shaykhun. A Rússia alega que o gás foi acidentalmente liberado quando as forças de Assad bombardearam um comboio rebelde que continha armas quí micas.
- Em maio, os EUA decidem armar as Unidades de Proteção Popular Curdas (YPG) que lutam como principal força integrante das Forças Democráticas Sírias - FDS e conseguem capturar a barragem de Tabqa do Estado Islâmico.
- Em junho, os EUA abatem aviões de caça sírios perto de Raqqa que supostamente teriam lançado bombas perto das forças rebeldes apoiadas pelos americanos (Forças Democráticas
- Em julho, o Hezbollah e o exército sírio lançam uma operação militar para expulsar grupos islamistas jihadistas na área de Arsal, perto da fronteira com o Líbano.
- Em outubro, um relatório conjunto da ONU conclui que o ataque químico de abril que matou mais de 80 pessoas foi realizado pelas forças de Assad. O governo sírio nega a autoria e afirma que não possui mais nenhum armamento químico.
- Em outubro e novembro, o Estado Islâmico é expulso de Raqqa (que operava como capital do califado) e de Deir Zor.

2018-19 - Últimos Acontecimentos: [47] [48]

- Em janeiro de 2018, a Turquia promove um ataque no norte da Síria para expulsar forças curdas rebeldes que controlavam a área de Afrîn.
- Em abril de 2018, alegações de um novo ataque com armas químicas promovido pelo governo sírio em Douma faz com que os EUA. Reino Unido e Franca realizem uma série de ataques militares em retaliação.
- Em julho de 2018, forças governamentais da Síria conseguem reconquistar de quase todo o sul do país até a fronteira com a Jordânia e Israel.
- Em setembro de 2018, Rússia e Turquia anunciam que concordaram em criar uma zona desmilitarizada na província de Idlib, última fortaleza rebelde do país. A zona, que seria patrulhada pelas unidades militares turcas e russas, entraria em operação a partir de 15 de outubro.
- Entre setembro e dezembro de 2018, Forças Democráticas Sírias com liderança curda lançam uma onda de ofensivas militares que reduzem o território do Estado Islâmico a um pequeno enclave na fronteira com o Iraque. O presidente Donald Trump anuncia que o Estado Islâmico foi derrotado e que, portanto, as tropas americanas serão retiradas do território sírio em breve.
- Em março de 2019, forças curdas anunciam que capturaram a porção leste de Baghouz, em parceria com as Forças Democráticas Sírias, última área povoada que ainda estava sob domínio do Estado Islâmico, que permanece atuando como grupo terrorista mesmo sem domínio de nenhum território povoado sírio (ressalta-se que os últimos territórios povoados dominados pelo ISIS no Iraque, Rawa e Al-Qaim, foram reconquistados em novembro de 2017).
- Em outubro de 2019, os EUA retiram suas tropas do norte da Síria (as tropas da base de Al-Tanf são mantidas), o que faz com que a Turquia prontamente ataque as forças curdas (aliadas dos EUA) da área. O objetivo turco é retirar as forças militares curdas da região de fronteira com a Turquia e usar a área para reassentar dois milhões de refugiados sírios.
- Ainda em outubro de 2019, o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, morre em uma incursão militar americana na província de Idlib.

O mapa 1 abaixo ilustra os eventos supracitados em termos de controle territorial da Síria ao longo da guerra civil. Nele, a cor vermelha representa as forcas governistas, o preto indica as áreas dominadas pelo Estado Islâmico, em amarelo estão os território controlados pelos Curdos. a área azul refere-se ao exército turco e os rebeldes do ELS, e o verde sinaliza as áreas dominadas por jihadistas nacionais.

Mapa 1 - Evolução do controle territorial da Síria - março de 2011 a março de 2019



Fonte: Observatório Sírio para Direitos Humanos - 2019

O mapa 2, abaixo, traz informações mais atualizadas dessa divisão de forças em território sírio. Os territórios controlados pelas forças governistas estão marcados de vermelho; aqueles sob controle do Estado Islâmico estão de preto; Curdos estão indicados em amarelo, junto à "zona segura" que a Turquia solicita que seja desocupada pelos curdos em amarelo claro; rebeldes do ELS e de grupos jihadistas nacionais ocupam a área verde, com a proposta de zona desmilitarizada em verde escuro; os turcos dominam a área em turquesa; e os israelenses os territórios marcados com azul tracejado.

SYRIA: Who controls what? TURKEY Jarablus Afrin Turkey's proposed 30km-deep 'safe zone' runs 480km along the border Idlib Deir Az Zor LEBANON IRAQ Al-Tanf border crossing Syrian government forces ISIL presence Talul al-Safa Kurdish forces Turkey's proposed 'safe zone' ISRAEL Rebel forces Deraa Demilitarised zone inside rebel-held area JORDAN. Turkish and Turkish-aligned Syrian rebel forces Israeli-occupied Golan Heights

Mapa 2 - Controle territorial da Síria - Outubro de 2019

Fonte: Liveumap, Presidência Turca. Outubro de 2019. Evidencia-se, pelo disposto acima, que a Síria passa por um conflito complexo e de grandes proporções, o que certamente tem afetado a vida cotidiana de sua população. Nos tópicos a seguir, esse cenário é analisado à luz dos critérios previstos na Declaração de Cartagena.

. VIOLÊNCIA GENERALIZADA

A **violência generalizada** pode ser traduzida como violência indiscriminada, que afeta muitas pessoas ou populações inteiras, e pode ser observada através:

- do número elevado de incidentes violentos, bem como o número de vítimas;
- da violência existente que causa sofrimento severo na população;
- da violência que se manifesta nas formas mais atrozes, como massacres, tortura, mutilações, tratamentos cruéis, desumanos e degradantes, execuções sumárias, sequestros, desaparecimentos de pessoas e violações flagrantes dos direitos humanos:
- de atos de violência que são muitas vezes destinados a causar terror e criar uma situação tal que as pessoas não têm escolha senão fugir da área afetada;
- de violência que pode emanar de agentes estatais e não-estatais, e quando emana da primeira, ou de outros que agem por instigação ou com o consentimento das autoridades do Estado, os perpetradores gozam de impunidade;
- de violência que emana de agentes não-estatais e as autoridades não podem controlá-los eficazmente: e
- do nível e alcance de violência que é tamanho, que o funcionamento normal da sociedade fica gravemente prejudicado.

Calcula-se que, desde o início da guerra civil em 2011, a expectativa de vida dos sírios tenha reduzido em aproximadamente 20 anos. De acordo com estudos do *Violation Documentation Center (VDC)* [49]*, de março de 2011 a dezembro de 2016, 143.630 pessoas morreram nas zonas de conflito. Esses dados não consideram as zonas controladas pelo regime de Assad. Dessas mortes documentadas, aproximadamente 70% (101.453) são óbitos civis. O estudo também aponta que a proporção de morte de crianças entre os civis quase triplicou de 2011 a 2016: passou de 388 crianças entre 4.254 civis em 2011 para 4.927 crianças entre 25.972. A causa para o número alto de crianças entre as vítimas, segundo o estudo, foram os ataques e bombardeios aéreos indiscriminados, amplamente utilizados durante o conflito. O uso indiscriminado de ataques aéreos por bombas, artilharia e bomba de barril acabou por ferir e matar mais civis do que rebeldes, militares ou qualquer outro tipo de combatentes ligados diretamente ao conflito, gerando um clima constante de terror entre a população civil síria, conforme salienta o artigo [50].

De maneira análoga, mas com dados ainda mais alarmantes, a Organização Não Governamental Syrian Observatory for Human Rights(SOHR; Observatório Sírio para os Direitos Humanos em tradução livre) [51], aponta que, de 15 março de 2011 a 15 março de 2019, mais de 570 mil pessoas morreram na guerra civil da Síria. Deste montante de vidas perdidas, o observatório documentou 371.222 mortes, dos quais 112.623 eram civis (21.065 eram menores de idade e 13.173 eram mulheres). Ainda de acordo com o SOHR, 65.187 pessoas morreram em combate defendendo o regime de Assad, dos quais 50.484 eram sírios, e 67.098 sírios morreram lutando contra o regime, dos quais 64.477 eram pertencentes a grupos rebeldes e 2.621 eram militares desertores do regime. O relatório também aponta que, aproximadamente, 65.726 combatentes estrangeiros morreram no conflito. De acordo com a ONG, eles eram predominantemente árabes, mas também houve morte de afegãos e iranianos pertencentes a grupos islamistas fundamentalistas como o ISIS e a FCL [52].

Segundo o mesmo relatório do SOHR, 65.187 pessoas morreram vítimas das forças leais a Assad, das quais 50.484 foram mortas pelo exército sírio, 1.677 pelo Hezbollah e 8.109 por forças xiitas estrangeiras (como iranianas, afegãs e iraquianas) aliadas de Assad. Outrossim, o SOHR aponta que 65.726 pessoas foram vítimas de grupos islamistas fundamentalistas como o Estado Islâmico e a Frente da Conquista do Levante. Há ainda o registro e mais de 88.000 pessoas que morreram em centros de detenção e prisões do regime de Assad enquanto estavam sujeitas a condições de vida desumanas e a tortura diária. Há também mais de onze mil pessoas mantidas prisioneiras pelo Regime de Assad, pelo Estado Islâmico ou pelos rebeldes, cujo destino é incerto [53].

No que tange às 112.623 morte de civis, o relatório aponta que 44.091 pessoas foram vítimas das forças leais à Assad, 25.594 foram vítimas de bombardeios promovidos pelo regime de Assad, 16.082 morreram em prisões e centros de detenção do governo Sírio, 8.015 foram vítimas dos bombardeios russos, 3.818 foram vítimas de bombardeios da Coalizão Internacional contrária a Assad (liderada pelos EUA), 842 foram vítimas de bombardeios turcos, 424 foram mortas por forças turcas, 7.818 foram vítimas dos rebeldes e 5.939 foram vítimas do Estado Islâmico [54].

No que tange ao uso de armas consideradas ilegais por convenções internacionais, o relatório de direitos humanos da Síria do *Human Rights Watch* (HRW) aponta que, em 2018, diversas partes do conflito ainda se valiam de tais armamentos, apesar da pressão da Comunidade Internacional para não fazê-lo. A coalizão militar da Síria e Rússia utilizaram bombas de fragmentação (cujo uso já foi banido internacionalmente) e armas químicas para retomar áreas dominadas pelos rebeldes e pelo ISIS. A HRW documentou 36 casos de uso de bombas de fragmentação entre julho de 2017 e junho de 2018, com outros 24 possíveis casos no mesmo período. Ademais, há evidências que sugerem que o governo sírio utilizou bombas incendiárias em Ghouta e Daraa [55].

O relatório também confirma que, entre 2013 e 2018, a HRW e outras sete organizações internacionais e independentes documentaram pelo menos 85 ataques com armas químicas, a maioria perpetrados pelo regime de Assad. Após os ataques com armas químicas em Douma e Ghouta Oriental, houve novos esforços internacionais para dissuadir o uso de tais armamentos. No entanto, a Rússia vetou a criação de um mecanismo de investigação liderado pela ONU em reuniões do CSNU em

fevereiro e abril de 2018. Ainda assim, em junho, os estados partes das Convenções de Armas Químicas (CAQ) garantiram à Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ) a autorização permanente para investigar e atribuir responsabilidade de ataques com armas químicas na Síria [56].

Os dados estatísticos de vidas perdidas no conflito sírio e o uso indiscriminado de armamentos considerados ilegais por convenções internacionais acima apresentados demonstram que a violência é generalizada, uma vez que todas as forças terrestres envolvidas no conflito já registraram diversas baixas, muitas das quais causadas por armamentos que causam mortes, mutilações e sofrimento desumano. Ademais, também pode-se observar que os civis foram duramente atacados ao longo dos oito anos de guerra e foram vítimas de todas as forças nacionais e estrangeiras envolvidas no conflito. Deste modo, não se pode afastar a possibilidade de que um nacional esteja em risco enquanto estiver em seu país, podendo ter a sua vida ou sua integridade física atacada a qualquer momento.

. AGRESSÃO ESTRANGEIRA

PAÍS

Agressão estrangeira pode ser percebida como o uso da força armada por um Estado contra a soberania, integridade territorial ou independência política de outro, ou de qualquer outra forma incompatível com a Carta das Nações Unidas. Conforme salientado na parte 2 deste documento, diversos Estados adentraram o território sírio com tropas ou promoveram ataques aéreos. Há registro de ofensivas militares em território sírio promovidas pelos Estados Unidos da América, Reino Unido, França, Rússia, Israel, Turquia, Arábia Saudita e outros países por razões diversas; seja para apoiar o governo sírio contra os rebeldes, seja para apoiar os rebeldes contra as forças governamentais sírias ou seja para atacar grupos fundamentalistas islâmicos que se opõem tanto ao governo como aos rebeldes. De maneira sucinta, destaca-se o envolvimento dos seguintes países na Guerra Civil da República Árabe Síria:

OBJETIVOS E AÇÕES PROMOVIDAS

	PAIS	OBJETIVOS E AÇÕES PROMOVIDAS
	Estados Unidos	Durante os anos iniciais do conflito, os EUA forneceram um apoio indireto aos rebeldes sírios com o alegado intuito de pressionar uma transição democrática no país. Em algumas ocasiões, os EUA intervieram diretamente no conflito, sobretudo nos casos em que, conforme o entendimento deste país, houve suspeita de que o governo sírio teria utilizado armas químicas contra seus opositores. Aparentemente, o objetivo inicial de Obama era uma transição negociada que levasse à renúncia de Assad sem comprometer a integridade territorial ou instituições sírias. Tal ato, defendiam os EUA, aliviaria a situação humanitária na Síria e diminuiria a migração. No entanto, com o veto russo no CSNU para proteger Assad, os EUA mudaram sua postura, promovendo missões de contraterrorismo e auxiliando os movimentos rebeldes. A partir de 2014, portanto, o governo americano intensificou seu envolvimento com o surgimento do Estado Islâmico. Inicialmente, foram promovidos ataques aéreos contra o grupo fundamentalista. Em 2015, tropas americanas foram enviadas para apoiar as forças curdas e as Forças Democráticas Sírias que lutavam contra os jihadistas. Ademais, os EUA promoveram uma campanha solo contra militantes islamistas fundamentalistas no norte da Síria que supostamente teriam ligações com a al-Qaeda. Em 2017, apenas alguns meses após assumir a presidência, Donald Trump retirou o pedido de Barack Obama para que Assad renunciasse. No entanto, com novos ataques de armas químicas promovidos pelo governo de Assad, Trump assumiu uma postura mais assertiva, promovendo ofensivas militares em represália. Em 2018, com o anúncio da derrota do Estado Islâmico feito por Trump, os EUA começam a retirar suas tropas gradualmente do país. Por fim, ressalta-se que o apoio americano em forma de armamentos e recursos aos rebeldes sírios vem diminuindo conforme grupos jihadistas islâmicos fundamentalistas ganham espaço entre suas fileiras [57] [58].
7	Turquia	A Turquia tem um envolvimento complexo na guerra civil síria. Ao mesmo tempo em que atua como Estado parte da coalizão liderada pelos EUA pró rebeldes e contrária ao regime de Bashar al-Assad e ao Estado Islâmico (vale ressaltar que o Estado Islâmico já foi o autor de diversos atentados terroristas e ofensivas militares em território turco), a Turquia também promove ataques contra uma das principais forças que lutam contra o Estado Islâmico e são aliadas dos americanos: os curdos sírios das Unidades de Proteção Popular Curdas (YPG). Tais unidades curdas da Síria são consideradas inimigas pelo governo turco, uma vez que elas têm suas origens no Partido Trabalhista do Curdistão (PPK), que luta para obter uma região independente dentro da Turquia desde 1984. Deste modo, a Turquia participou do conflito em repetidas ocasiões, seja no apoio militar aos rebeldes, seja em ofensivas aéreas contra o Estado Islâmico e, mais recentemente (a partir de outubro de 2018) no envio de tropas para lutar contra os curdos sírios que estão alocados próximos à região da fronteira com a Turquia. A Turquia tenta impedir que os curdos sírios do YPG consigam autonomia e independência do governo central sírio, uma vez que tal sucesso poderia incentivar que o PPK fizesse o mesmo na Turquia, além de facilitar um possível auxílio direto do YPG ao PPK. Ademais, ressalta-se que há desacordo entre Turquia e Estados Unidos, pois Washington recusou o pedido turco de privilegiar seu apoio à oposição através de forças árabes e americanas ao invés de curdas. Recentemente, a Turquia encabeçou com a Rússia negociações de cessar fogo entre Assad e os rebeldes seculares em Nursultan, capital do Cazaquistão [59] [60].
	lrã	O Irã, país de governo xiita convencional, é o principal aliado do regime do Presidente Bashar al-Assad no Oriente Médio, uma vez que o partido Baath, apesar de secular, é formado por muçulmanos alauitas (vertente do xiismo) e prega uma ideologia contrária aos valores considerados ocidentais. Ademais, o governo do Irã teme que a emergência de um regime predominantemente sunita possa aproximar a Síria do principal rival do Irã na região, a Arábia Saudita, diminuindo, assim, a influência iraniana no Oriente Médio. Outrossim, com a anarquia que surgiu na Síria durante o conflito, o Irã passou a se preocupar fortemente com a emergência de grupos islâmicos sunitas fundamentalistas como o Estado Islâmico. Durante a guerra civil síria, o principal objetivo do Irã foi garantir a sobrevivência do regime de Assad e, para isso, enviou sua Guarda de Elite Revolucionária so governo sírio. Ademais, o Irã também é acusado de atuar indiretamente no conflito, entregando armamentos ao grupo militante libanês Hezbollah. Com as incontáveis sanções econômicas (promovidas pelos países do Ocidente) sofridas pelo regime de Assad, o auxílio

lutando no conflito [61] [62].

Uma das principais metas israelenses na Síria é impedir que o Irã consiga estabelecer o corredor de suporte ao Hezbollah - inimigo histórico de Israel desde a guerra civil libanesa - e, para isso, já promoveu diversos ataques aéreos e balísticos contra alvos do Hezbollah, e até iranianos, em território Sírio. Ademais, o Estado de Israel também participou dos inúmeros ataques e incursões promovidos pelas forças do ocidente lideradas pelos EUA contra o Estado Islâmico. Ressalta-se que Israel mantém ocupadas parte do território sírio

desde a década de 1960: as Colinas de Golã, localizadas no sudoeste do país [63].

financeiro iraniano foi vital para que o exército sírio tivesse condições de permanecer

Israel

A Rússia iniciou seu envolvimento de maneira branda, fornecendo apoio, armamentos, equipamentos e recursos para o regime de Assad na luta contra os rebeldes. Em 2015, seu envolvimento foi intensificado, bombardeando diretamente não só os alvos do Estado Islâmico, mas também os rebeldes contrários ao regime de Assad. Ademais, a Rússia atuou como um escudo para o regime de Assad na ONU, usando seu poder de veto para garantir que nenhuma resolução que apoiasse os rebeldes ou condenasse Assad fosse aprovada no CSNU. Ressalta-se que as instalações russas na base naval de Tartus é o único meio de acesso russo ao mediterrâneo ocidental que não envolve ter que passar por território turco, que é um país membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Moscou deseja que as estruturas político-econômicas na Síria permaneçam intactas para garantir sua influência na região, e citam a anarquia que emergiu na Líbia após a intervenção da OTAN como exemplo de fracasso causado por uma intervenção ocidental favorável a grupos rebeldes. Com o anúncio americano da derrota do Estado Islâmico e da retirada gradual de tropas estadunidenses do solo sírio, a Rússia assegurou sua posição como principal poder estrangeiro na Síria. As autoridades russas defendem que o Estado Islâmico ainda não foi totalmente derrotado e que, por isso, é necessário que Assad recupere o controle de todo o território sírio. Uma vez alcançado tal objetivo, especula-se que a Rússia ainda deseje que as forças iranianas deixem o país, pois temem que a ambição iraniana acabe por criar um conflito interno no pós-guerra entre os apoiadores de Assad, o que causaria uma nova

Países Árabes do Golfo Pérsico Liderados pela a Arábia Saudita, os países árabes do Golfo Pérsico apoiam os rebeldes sírios na tentativa de frear o expansionismo da influência iraniana no mundo árabe. Deste modo, tais países buscam a renúncia de Assad e a emergência de um regime sunita, sem se preocupar se tal regime será ou não democrático. Outro objetivo de tais países é a luta contra o Estado Islâmico, uma vez que tal grupo já promoveu diversos ataques na Arábia Saudita. A Arábia Saudita, o Qatar e o Kuwait (dentre outros países da região) estão entre os principais patrocinadores dos rebeldes sírios, fornecendo recursos e armas para o Exército Livre da Síria (ELS) e até para o Jabhat Fatah al-Sham (antiga Frente Al-Nusra, é grupo fundamentalista islâmico de orientação sunita que já teve ligações com a al-Qaeda) e outras milícias fundamentalistas. Autoridades americanas, em mais de uma ocasião, já clamaram para que tais países cessasse com o auxílio a grupos extremistas. A Arábia Saudita busca coordenar os diversos grupos de oposição sunita no norte da Síria e, assim, aumentar sua influência na região e minar a influência iraniana [66].

anarquia e enfraqueceria a influência russa na região [64] [65].

Deste modo, fica não só evidenciada, mas também sistematizada, a ocorrência de agressão estrangeira na República Árabe Síria em repetidas ocasiões, seja para apoiar o regime de Bashar al-Assad, seja para atacá-lo ou até para atacar outras forças envolvidas no conflito (como os curdos sírios e o Estado Islâmico).

5. CONFLITOS INTERNOS

Conflitos internos podem ser interpretados como aqueles que envolvem agentes de um mesmo país e que constituem situações de violência armada que podem colocar em risco a vida, segurança e liberdade civis dos habitantes desse mesmo país. Na Guerra Civil da República Síria, destacam-se as seguintes forças estatais e não estatais atuantes nesse tipo de conflito:

FORÇA	OBJETIVO E AÇÕES PROMOVIDAS
Forças sírias de Bashar al-Assad	Bashar al-Assad assumiu a presidência da República Árabe Síria em 2000 após a morte do presidente (e seu pai) Hafez al-Assad. As esperanças de um regime mais inclusivo e menos autoritário duraram pouco, com diversas prisões de opositores sendo decretadas nos anos seguintes a sua ascensão. A Guerra Civil eclodiu em 2011, após a violenta repressão do governo sírio a protestos políticos em Daraa. Com o apoio da Rússia, Irã e do Hezbollah, o governo de Assad conseguiu recuperar a maior parte do território sírio que esteve sob domínio dos rebeldes. Assad ignorou toda a pressão da maior parte da Comunidade Internacional e não fez concessões aos rebeldes, insistindo que seus opositores são terroristas. Uma vitória total das forças governistas de Assad colocariam-no em uma posição favorável nas negociações, promovidas pela ONU, de uma nova constituição síria. O exército sírio, juntamente com as forças de segurança sírias (mukhabarat), são os principais braços armados de apoio ao governo de Assad. No entanto, as forças governistas sofreram inúmeras mortes e deserções ao longo do conflito (estima-se que as tropas do exército sírio estejam reduzidas a, aproximadamente, 12% do efetivo se comparadas ao início da guerra civil em 2011), de modo que Assad passou a depender do apoio de forças locais (militares reservistas e milícias paramilitares pró-governo) e de milícias estrangeiras, bem como do apoio aéreo e terrestre russo, para cercar, bombardear, recapturar e restaurar o controle de locais que estavam sob domínio rebelde. Tal ajuda foi vital para que Assad conseguisse virar a guerra a seu favor. Ainda que Assad tenha retomado o controle da maior parte da Síria, analistas do Ocidente acreditam que, em boa parte do território sírio, o Estado existe apenas nominalmente, e lideranças locais extra estatais dominam extensões territoriais e atuam como milícias, privilegiando interesses privados em detrimento do interesse público [67] [68].
	Exército Livre da Síria (ELS): principal grupo rebelde a emergir na guerra civil síria e de caráter secular. Após ficar sob constante bombardeio por parte das forças governistas de Assad e de seus aliados (sobretudo da Rússia), o ELS perdeu controle da maior parte do território que outrora conquistou, o que reduziu significativamente suas chances de tirar Assad do poder. Composto, principalmente, por opositores do regime e por desertores do exército sírio, a falta de recursos para manter um comando e unidade central facilitou que outras milícias de motivações diversas se associassem a tal força. Cisões internas e a quebra de unidade com o surgimento de facções islamistas e

fundamentalistas radicais também colaboraram para a redução do ELS, mas o grupo ainda mantém controle de partes do noroeste sírio, na região de Idlib, em conjunto com grupos islamistas fundamentalistas. A radicalização e islamização de parte dos rebeldes que lutam contra Assad fez com que diversos países do ocidente, entre eles os EUA, cortassem o apoio financeiro e militar aos rebeldes, preferindo apoiar outros grupos, como as Forças Democráticas Sírias. Contudo, o ELS, que ainda se mantém secular, está se esforçando ao máximo para manter os territórios que ainda domina na esperança de que isso possa lhe dar algum papel mais importante em futuras negociações de paz. No entanto, a probabilidade disso acontecer é cada vez menor com os avanços constantes militares das forças governistas de Assad [69] [70].

Rebeldes

<u>Ilhadistas Nacionalistas</u>: diversos islamistas militantes rejeitam a ideia do ELS de criar uma Síria pluralista e democrática e defendem a recriação de um Estado e uma sociedade islâmica fundamentalista baseada na Sharia (ressalta-se que o regime de Assad, apesar de autoritário, manteve caráter secular). No entanto, ao contrário do Estado Islâmico e da al-Qaeda, tais forças não demonstram ter uma ambição transnacional. Tais grupos ganharam força a partir de 2012, quando o ELS sofreu derrotas no campo de batalha e falhou em conseguir apoio e recursos internacionais suficientes para derrotar Assad. Estas forças incluem, por exemplo, o Jaish al-Islam, que é o grupo de oposição predominante nos subúrbios de Damasco, e o Ahrar al-Sham, que está ativo no norte e é visto por alguns analistas como um grupo que compartilha de ideais semelhantes aos da al-Qaeda. Apesar de ter um contingente menor que o ELS, os jihadistas são mais bem equipados e recebem constante apoio e recursos dos países árabes do Golfo Pérsico e da Turquia. Tais fatos atraíram diversos ex-membros do ELS a se juntarem a suas fileiras, fazendo com que as forças rebeldes seculares sírias perdessem força no conflito [71] [72].

Jabhat Fateh al-Sham (antiga Frente al-Nusra): A Frente da Conquista do Levante (FCL) é um grupo fundamentalista islâmico sunita que mudou de nome ao se desvincular da al-Qaeda em 2016. Seu líder promoveu tal rompimento e declarou que seu grupo não possui qualquer ambição internacional na esperança de conseguir apoio de outros grupos da oposição ao regime de Assad. No entanto, o ocidente ainda acredita que tal grupo permanece leal e mantém a mesma visão da al-Qaeda. Os EUA, e demais países do ocidente, temem que a FCL possa abrigar entre suas fileiras terroristas internacionais, como o Talibã fez no Afeganistão nos anos 90. A FCL luta contra o regime de Assad em diversos frontes, incluindo em alguns onde também atuam aliados dos americanos como o YPG e o ELS. Ainda assim, os EUA promoveram ataques aéreos contra a FCL e designaram o grupo como terrorista e sucessor da al-Qaeda. Ao contrário do Estado Islâmico, a FCL é composta principalmente por sírios. O grupo se mostrou eficaz na luta contra as forças de Assad, utilizando-se de táticas de guerrilha e até de atentados terroristas. Estima-se que o grupo tenha por volta de sete mil membros e que esteja recebendo auxílio oficial e privado dos países do Golfo. A FCL travou inúmeros combates, sobretudo contra as forças de Assad, mas também contra o Estado Islâmico em algumas ocasiões (ressaltase que o Estado Islâmico chegou a tentar absorver a FCL entre suas fileiras, mas a FCL recusou por ter uma visão política e religiosa distinta, porém também islâmica e fundamentalista) [73].

Estado Islâmico do Iraque e Síria (ISIS)

O Estado Islâmico surgiu em 2014 e afirmou-se como um califado no território que ia de Aleppo à parte oriental da província Iraquiana de Diyala. Trata-se um grupo islamista fundamentalista ultrarradical que rapidamente ganhou a atenção da Comunidade Internacional devido as suas práticas terroristas extremamente violentas e cruéis e ao fato de contar com pessoas de inúmeras nacionalidades, inclusive ocidentais, entre suas fileiras. Sua principal meta era a criação de uma sociedade radicalmente religiosa que seguiria os preceitos do Islã sunita. Atualmente, o grupo perdeu quase todo o território povoado que controlava na Síria e diversos combatentes do grupo foram capturados e estão sendo mantidos prisioneiros pelas forças das Unidades de Proteção Popular Curdas (YPG). Embora não ocupem territórios povoados desde que perderam o controle de Baghouz, relatórios dos EUA indicam que o grupo misturou-se à população civil na Síria e continua atuando, promovendo assassinatos, emboscadas e atentados suicidas, além de captar recursos de membros e simpatizantes em todo o mundo [74] [75].

Unidades de Proteção Popular Curdas (YPG)

As Unidades de Proteção Popular Curdas (YPG) formam a milícia armada do Partido de União Democrática Curdo (PYD), buscam autonomia para a região de Rojava (povoada majoritariamente por sírios curdos) e se mostram dispostas a cooperar com qualquer um que se mostre capaz de auxiliar nesse objetivo. Foi a principal força de solo na luta contra o Estado Islâmico e é o maior contingente nas Forças Democráticas Sírias. Por conta disso, recebeu apoio dos EUA em forma de recursos, armamentos e tropas, apesar dos protestos da Turquia. Os contínuos sucessos do YPG na luta contra o Estado Islâmico e uma retirada unilateral das forças pró-regime de várias áreas onde a maioria da população é curda fizeram com que tal grupo conseguisse estabelecer domínio de praticamente um terço do território Sírio, no nordeste do país. O governo de Assad quer esses territórios de volta, principalmente porque tal região é rica em petróleo. Isso, somado ao apoio inconstante dos americanos e os sucessivos ataques turcos, coloca em cheque a posição curda na região e as esperanças de negociar a autonomia para as áreas de maioria curda com o governo sírio [76] [77].

Forças Democráticas Sírias (FDS)

As Forças Democráticas Sírias (FDS) foram criadas apenas em 2015, quatro anos após o início da guerra civil no país, em resposta aos constantes ganhos territoriais do Estado Islâmico. As FDS são uma aliança de milícias curdas do YPG (maioria), árabes, turcomenos e armenos da região do nordeste da Síria (Rojava). A retirada das tropas de Assad da região possibilitou não só o surgimento das FDS, mas também que elas ganhassem o controle e autonomia de tal área. As FDS defendem uma região autônoma no Nordeste da Síria, baseada em ideias seculares, federalistas, democráticas e que garanta os devidos direitos para todas as minorias étnicas da região. Por ser um grupo secular e de oposição ao Estado Islâmico (aliado ao fato de que os grupos rebeldes contrários a Assad estavam passando por um processo de islamização e radicalização, abandonando gradualmente seu caráter secular), as FDS receberam apoio financeiro e militar de países ocidentais como os EUA, Reino Unido, França e Itália. Os EUA, inclusive, enviaram militares para lutar entre as fileiras das FDS contra o ISIS. O apoio ocidental às FDS desagradou um dos membros da OTAN, a Turquia, devido ao fato das FDS terem como principais forças os curdos do YPG, que são conectados ao PPK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), organização turca considerada terrorista pelo governo de tal país. O secularismo das FDS fez com que tal grupo também entrasse em conflito com os grupos rebeldes islamistas fundamentalistas (opositores de Assad) que atuam no norte da Síria, como a FCL. As FDS foram a principal força militar terrestre na luta contra o ISIS [78] [79].

Hezbollah

Grupo libanês islâmico xiita, é aliado do regime de Assad, uma vez que o partido Baath, apesar de secular, é composto por alauitas, uma vertente do xiismo, e a oposição ao governo sírio é majoritariamente sunita. Ademais, os ideais contrários ao que é categorizado como doutrina ocidental aproxima o Hezbollah do governo de Assad. O Hezbollah surgiu na guerra civil libanesa e expandiu sua influência e alcance ao promover a resistência de guerrilha à ocupação israelense. Tal grupo enviou conselheiros e suas forças de elite para auxiliar o regime sírio na luta contra os rebeldes. Sua participação na guerra na Síria prejudicou suja imagem no mundo árabe, devido à violência que Assad trata seus opositores políticos, que em sua grande maioria são árabes e muçulmanos sunitas. Suas forças, bases e comboios já foram por sucessivas vezes alvos de ataques aéreos israelenses, que consideram o Hezbollah um grupo terrorista e inimigo do Estado de Israel. Ademais, o grupo também teme que a falta de ordem gerada por uma guerra civil possa permitir que grupos extremistas sunitas (como ocorreu com o Estado lslâmico) emerjam em território sírio. As forças terrestres do Hezbollah foram vitais no conflito para substituir os militares sírios que morreram ou desertaram ao longo da guerra, para manter o controle das regiões que estavam sob o domínio rebelde e foram bombardeadas pela força aérea russa e para reforçar as forças sírias no cerco às últimas fortalezas rebeldes [80].

Milícias Xiitas Estrangeiras

Diversas milícias estrangeiras xiitas participaram do conflito em apoio a Bashar al-Assad, sendo as principais originárias do Afeganistão, Iraque e Paquistão. Algumas das milícias iraquianas são compostas por ramificações das Frentes Populares de Mobilização que lutam para retomar o território iraquiano que esteve ou ainda está sob domínio do Estado Islâmico. Os combatentes afegãos são, em grande parte, refugiados xiitas que residem há um considerável tempo no Irã e foram recrutados pela Guarda Revolucionária iraniana com ofertas de recompensas e até cidadania. Inicialmente, tais forças se ocuparam na proteção de locais sagrados xiitas, mas começaram a atuar como força de reposição para as mortes e deserções do exército sírio [81].

Em suma, fica sistematizada e evidenciada a maneira como ocorre o elemento "conflitos internos" na República Árabe Síria, que vive uma Guerra Civil desde 2011 na qual atuam diversas forças internas e externas

VIOLAÇÃO MACIÇA DOS DIREITOS HUMANOS

Entende-se como violações maciças de direitos humanos aquelas situações que afetam de forma generalizada vários segmentos da sociedade e que constituem negação dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais de forma grave e sistemática, muitas vezes implicando em deslocamento forçado de suas vítimas.

De acordo com o relatório da Human Rights Watch (HRW) de 2019 sobre a situação de direitos humanos no mundo, a situação na Síria continua a deteriorar-se, mesmo considerando o fato de que o conflito está menos intenso se comparado aos anos anteriores. De acordo com a HRW, para recuperar o controle das regiões administrativas de Damasco e Daara em 2018, o governo sírio (auxiliado pelos governos russo e iraniano) valeu-se de táticas desleais como o uso de armamentos proibidos por convenções internacionais (a exemplo das armas químicas), ataques aéreos indiscriminados e restrições de acesso à ajuda humanitária. Tais táticas tinham como objetivo a rendição dos grupo rebeldes, no entanto acabaram por gerar um deslocamento em massa de civis. Mesmo com o abrandamento parcial do conflito, o governo sírio (com o apoio do governo russo) clamou para que os seus cidadãos que deixaram o país retornassem e editou leis que facilitam a reconstrução do país. No entanto, a HRW aponta que o governo segue violando direitos humanos e convenções humanitárias internacionais, prendendo civis arbitrariamente, maltratando seus cidadãos de diversas formas e impondo restrições onerosas à liberdade de locomoção. De acordo com o relatório, a campanha para retomar Ghouta oriental (um subúrbio de Damasco) promovido pelo regime de Assad e seus apoiadores fez com que mais de 1.600 civis perdessem suas vidas entre 18 de fevereiro de 21 de março de 2018. Ademais, os bombardeios atingiram pelo menos 25 instalações médicas, 11 escolas e inúmeras residências civis. Em paralelo, em 16 de junho de 2018, as ofensivas contra os rebeldes em Daraa e Quneitra (sudoeste Sírio) causou a migração de diversos civis para a Jordânia e para a área síria ocupada por Israel nas Colinas de Golan [82].

Também é importante salientar que os grupos rebeldes contrários à Assad promoveram ataques indiscriminados em bairros que eram controlados pelo governo e restringiram a evacuação dos civis e o acesso à ajuda humanitária [83]. O mesmo relatório aponta que em Idlib (última região dominada pelos rebeldes) civis, ativistas e jornalistas considerados suspeitos de apoiarem uma reconciliação com o governo são arbitrariamente detidos. Ademais, a HRW aponta também que, entre fevereiro e abril de 2018, grupos rebeldes islamistas fundamentalistas baseados em Ghouta mataram e mutilaram centenas de civis em ataques indiscriminados a Damasco. De acordo com a Comissão de Inquérito da ONU, os grupos armados de oposição ao governo de Assad prenderam e torturam civis regularmente em Douma, incluindo pessoas de minorias religiosas. Um grupo ilhadista associado à al-Qaeda de Idlib realizou diversas prisões e sequestros arbitrários que visaram opositores políticos locais e jornalistas. Conflitos locais causaram a morte de diversos civis, assim como assassinatos recorrentes e atentados a bomba. O grupo terrorista permanece interferindo e limitando o acesso humanitário nas áreas sob seu controle [84]. Além disso, nas áreas outrora dominadas pelo Estado Islâmico, a HRW aponta que os danos causados pela guerra ficaram mais claros. O ISIS implantou diversas minas terrestres antes de fugir e tais armamentos seguem matando, aleijando e ferindo civis diariamente. O Relatório ainda afirma que o ISIS e outros grupos jihadistas islâmicos fundamentalistas (como a FCL e outros grupos ligados a al-Qaeda) seguem propagando abusos que vão de execuções sumárias a tortura e sequestros para dificultar a entrega de ajuda humanitária [85].

O relatório informa que em 25 de julho de 2018, o ISIS realizou diversas incursões na região administrativa de al-Suweida, matando pelo menos 200 pessoas e sequestrando outras 27. Em agosto, uma das pessoas sequestradas foi cruelmente executada. Em novembro, as demais foram libertadas. No entanto, o destino de milhares de pessoas sequestradas pelo ISIS no leste da Siria, antes de que o grupo perdesse o controle territorial de tal área, permanece desconhecido, com poucos esforços das Forças Democráticas Sírias (FDS) e da Coalizão Internacional liderada pelos EUA para buscar seus paradeiros. Apesar das FDS e da coalizão militar internacional liderada pelos EUA terem expulsado o ISIS de Raqqa em outubro de 2017, minas terrestres e bombas caseiras implantadas pelo grupo continuam a matar e mutilar civis. Entre outubro de 2017 e abril de 2018, o relatório da HRW informa que mais de mil pessoas foram mortas ou feridas por tal tipo de explosivo [86].

A HRW aponta ainda que, em 20 de janeiro de 2018, a Turquia lançou uma ofensiva militar no distrito de Afrin no noroeste da Síria que estava sob uma administração autônoma de maioria curda. Em março, as ofensivas militares turcas contra áreas sírias de maioria curda causou a morte de dezenas de civis e obrigou mais de 10 mil pessoas a deixarem a região. A mídia turca, por sua vez, acusou o YPG de lançar ataques militares indiscriminados nas cidades turcas fronteiriças com a Síria que causaram a morte de sete civis turcos. Grupos rebeldes afiliados ao ESL, com o suporte turco, também saquearam, confiscaram e vandalizaram diversas propriedades de cidadãos curdos em Afrin. De acordo com a HRW, ativistas locais reportaram ao menos 86 incidentes de abuso relacionados a prisões arbitrárias, torturas e desaparecimentos forçados promovidos por tais grupos na região [87].

Há ainda os relatos de violações praticadas pela Coalizão Militar Internacional liderada pelos EUA e pelas forças sírias apoiadas pelos EUA. O relatório da HRW aponta que a coalizão internacional reabriu as investigações a respeito das baixas civis causadas por seus ataques e admitiu que matou civis inadvertidamente em algumas ocasiões. No entanto, no entendimento da HRW, a coalizão não foi transparente nas investigações ou em possíveis compensações às vítimas. Os EUA auxiliaram as FDS a prender diversos estrangeiros no norte da Síria que eram suspeitos de fazer parte do Estado Islâmico. Gradualmente, os EUA iniciaram o processo de deportação de tais suspeitos terroristas para

seus países de origem. No entanto, tais atos não foram feitos com transparência, de modo que não há como saber se o direito à ampla defesa e ao devido processo legal foram respeitados [88].

A HRW afirma que o Conselho Democrático Sírio (autoridade civil que opera em áreas reconquistadas do Estado Islâmico) e a Administração Autônoma de maioria curda (que supervisiona os campos de refugiados e deslocados no nordeste) confiscaram documentos de identidade de sírios deslocados internos e impediram arbitrariamente que deixassem os campos de refúgio e se movessem livremente. Por outro lado, as FDS se comprometeram em setembro de 2018 a não recrutar mais crianças entre as suas fileiras. Nas áreas controladas pelos curdos, dissidências políticas internas levaram a polícia local a prender arbitrariamente, e até utilizar meios para desaparecer forçosamente, opositores políticos [89].

Ademais, o relatório da HRW reporta que, desde o início do conflito até 30 de agosto de 2018, mais de 90 mil pessoas foram vítimas de desaparecimento forçado na Síria, sendo a maior parte dos casos promovidos pelo regime de Assad. O Violation Documentation Center juntou mais de 60 mil nomes de pessoas que foram detidas pelo governo desde 2011 cujo destino permanece desconhecido. Em julho, o regime de Assad atualizou o registro civil para incluir certidões de óbito de centenas de indivíduos que haviam sido presos arbitrariamente ou vítimas de desaparecimento forçado. De acordo com a HRW, as informações eram rasas e se limitavam a informar a data da morte e, ocasionalmente, a causa. No entanto, o governo não entregou os restos mortais para as famílias e continuou a prender e destratar arbitrariamente civis nas áreas de seu controle. A Rússia, o Irã e a Turquia, nas negociações no Cazaquistão, assumiram diversos compromissos para que o regime de Assad deixasse de utilizar prisões arbitrárias e desaparecimento forçados contra seus cidadãos; contudo, pouco progresso foi feito. Em março de 2018, a Comissão de Inquérito para a Síria da ONU emitiu um relatório sobre casos de violência sexual e de gênero e declarou que os estupros e violência sexual praticados pelas forças governistas e milícias associadas seriam considerados crimes de guerra e crimes contra a humanidade [901].

No que tange ao deslocamento forçado de nacionais sírios, de acordo com dados do Violation Documentation Center, nos seis primeiros anos de conflito, mais da metade dos 21 milhões de habitantes da Síria foram obrigados a se deslocar por conta da guerra. No final de 2016, mais de 6,3 milhões de sírios já haviam se deslocado internamente no país, com uma média de 6.100 sírios se deslocando por dia. Ademais, os dados apontam que mais de um milhão de sírios fugiram para a Europa e um adicional de 5 milhões de sírios (dos quais 2,4 milhões são crianças) passaram a viver como refugiados nos países vizinhos. Dentre aqueles que não puderam deixar o país, mais de um milhão se feriram gravemente por conta da guerra e mais de 300 mil morreram não só pelos efeitos diretos, mas também pelos efeitos indiretos da guerra, como a crescente incidência de doenças (leishmaniose, tuberculose, diabetes e outras) e falta de acesso à profissionais, instalações e suprimentos da saúde. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) estima que a Guerra na Síria, no periodo de 2011 a 2018, já causou o deslocamento interno forçado de 6,6 milhões de pessoas e a imigração de 5,6 milhões [91].

Por fim, no que tange ao direito das minorias e diferentes segmentos da população, o relatório anual de 2019 da *Freedom House* - FH - aponta que os privilégios são dados não por critérios religiosos, mas por critérios de círculo social, ou seja, grupos e pessoas próximas a Bashar al-Assad têm acesso a maior variedade e qualidade de direitos e serviços públicos. O relatório indica, inclusive, que há alauítas marginalizados na sociedade síria, justamente por não fazerem parte ativamente do partido Baath e dos círculos sociais dominantes do regime, como também há árabes sunitas com altos cargos no governo porque estão ligados aos grupos políticos dominantes (embora os cargos mais importantes do setor de segurança e inteligência sejam dominados por alauítas) [92].

Quanto aos direitos dos curdos, a FH afirma que a minoria curda enfrentou décadas de discriminação estatal, incluindo restrições ao seu idioma e perseguição a seus ativistas, embora as condições tenham melhorado drasticamente em áreas controladas pelas milícias curdas do YPG desde 2011. Quanto aos direitos dos grupos LGBTQI, de acordo com o código penal de 1949, "relações sexuais não naturais" são puníveis com até três anos de prisão. Indivíduos com suspeita de atividade sexual homoafetiva correm risco de detenção por parte do regime de Assad e de execução arbitrária nas áreas controladas por grupos islamistas fundamentalistas. No que tange ao direito das mulheres, o relatório da FH aponta que elas estão sujeitas a desigualdades legais e sociais, incluindo desvantagens de gênero nos benefícios sociais e uma grave lacuna de gênero na participação no mercado de trabalho. Os mecanismos oficiais destinados a salvaguardar os direitos das mulheres não são declaradamente funcionais, e a deterioração geral da lei e da ordem com a eclosão da guerra civil deixou as mulheres expostas a uma série de abusos, particularmente nas mãos de grupos extremistas que impõem suas próprias interpretações da lei religiosa [93].

A FH ainda reporta que os autores de "crimes de honra" podem receber sentenças reduzidas sob o código penal, e os estupradores podem evitar a condenação se casando com suas vítimas. As mulheres não podem legalmente passar a cidadania síria para seus filhos. As leis de status pessoal para os muçulmanos colocam as mulheres em desvantagem em relação ao casamento, divórcio e guarda dos filhos. A lei da igreja, por outro lado, governa questões de status pessoal para os cristãos em diversos casos, exceto para o divórcio. Casamentos precoces e forçados são um problema, já que famílias vítimas de deslocamento forçado frequentemente casam suas jovens filhas como forma de proteção contra a violência sexual endêmica ou devido à pressão econômica. As liberdades sociais pessoais para as mulheres são desiguais em áreas fora do controle do governo, variando de códigos onerosos de vestuário e comportamento em áreas controladas por extremistas islâmicos até a igualdade formal legal declarada pelo PYD nas áreas curdas [94].

Assim, pelo disposto nos parágrafos acima, resta evidente a situação de violação maciça de direitos humanos na República Árabe Síria, tendo em vista as sólidas evidências da ocorrência - em varias regiões do país e levadas a cabo por todos os grupos envolvidos no conflito - de práticas como desaparecimento forçado, prisões arbitrárias, limitações ao direito de locomoção, deslocamento forçado, recrutamento forçado, sequestros, tortura, violência sexual, limitações de direitos de minorias, entre outras violações.

OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS OUE TENHAM PERTURBADO GRAVEMENTE A ORDEM PÚBLICA

O Estado deve prover condições para garantir o funcionamento harmônico e normal das instituições com base em um sistema coerente de valores e princípios. É possível destacar alguns exemplos atuais de desarmonia institucional na República Árabe Síria: instabilidade institucional, supressão da liberdade de expressão, de associação, crises nos setores da educação, saúde, trabalho etc.

Nesse sentido, o relatório anual de 2019 da Freedom House - FH - aponta que a última eleição que deu

um novo, e terceiro, mandato de sete anos para Bashar al-Assad em 2014 foi extremamente problemática. O governo anunciou que Assad venceu as eleições com 88,7% dos votos. Além do fato das eleições terem sido conduzidas em meio a guerra civil, ou seja, em um ambiente hostil e de repressão severa, as urnas só foram enviadas para as áreas controladas pelo governo. Diversos líderes de diferentes regiões da Síria classificaram a eleição como dúbia e ilegítima. Ademais, as eleições parlamentares conduzidas em 2016 (que elege 250 membros) também só foi conduzida nas áreas controladas pelo governo. Vários grupos oposicionistas boicotaram as eleições e servidores públicos e outras pessoas ligadas ao governo foram pressionadas a votar. Os militares, inclusive, foram autorizados a participar das eleições pela primeira vez. O partido Baath conquistou 200 vagas no parlamento, e as demais ficaram reservadas para candidatos independentes [95].

O Relatório da FH ainda destaca que o processo eleitoral e seu método de apuração carecem de transparência. As autoridades executivas, atuando através das forças de segurança, podem conceder ou negar a permissão para qualquer cidadão participar do processo eleitoral. O relatório também aponta que os rebeldes do ESL e os curdos mantém métodos próprio para eleger os representantes das áreas que controlam. No entanto, enquanto os primeiros sofrem com ataques do governo e de grupos islamistas fundamentalistas durante seu processo eleitoral, os segundos estão sujeitos ao controle final do partido sírio curdo, o PYD [96].

A FH afirma que um decreto em 2011 permitiu o registro de novos partidos políticos. No entanto, o mesmo decreto colocou diversos obstáculos e restrições a tais registros: há uma burocracia enorme para registrar um novo partido e partidos baseados em religião ou afiliação regional (e outros tipos) foram vetados. Na prática, todos os grupos políticos legais e independentes ou fazem parte, ou são aliados ou são vetados pelo regime de Assad. O serviço de inteligência sírio monitora de perto qualquer tipo de atividade ou grupo político que possa trazer problemas para o partido Baath no futuro e rapidamente atua na repressão, muitas vezes com o auxílio de aliados estrangeiros como a Rússia, lrã e Hezbollah. Nas áreas rebeldes, os conselhos locais são frequentemente patrocinados ou nomeados por famílias ou grupos armados importantes. Já na área curda, os assuntos políticos mais importantes são dominados pelo PYD, que se vale de detenções arbitrárias contra seus opositores [97].

O relatório aponta também que a economia síria é dominada por membros e aliados do governo de Assad. A guerra civil criou novas oportunidades para a já institucionalizada corrupção entre o governo, exército e empresas privadas. O governo distribui regularmente patrocínios na forma de recursos públicos para aliados e implementou políticas públicas para beneficiar indústrias e empresas apoiadoras de Assad. Contratos governamentais e acordos comerciais com as empresas sírias também foram concedidos a aliados externos da Síria, como o Irã e a Rússia. O relatório afirma que até os serviços estatais básicos são ampliados ou negados com base na lealdade política que uma comunidade demonstre ao regime de Assad, facilitando que os servidores públicos utilizem o suborno como meio para a prestação de serviços. Outrossim, a FH afirma que os direitos de propriedade privada são rotineiramente desrespeitados desde a eclosão da guerra civil em 2011. As empresas, muitas vezes, têm que subornar funcionários públicos para continuar operando ou concluir procedimentos burocráticos, pois o acesso ao mercado é restrito a aliados do regime. Há suspeitas de que uma manipulação semelhante foi feita na distribuição da ajuda humanitária. Outrossim, o governo sírio vem operado com mínima transparência e responsabilidade fiscal. As milícias governistas que surgiram ao longo do conflito e são leais à Assad são autônomas e livres para explorar a população civil das áreas que controlam. Os funcionários públicos têm ampla discricionariedade para reter informações do governo e não são obrigados a declarar publicamente seus ativos. Grupos independentes da sociedade civil e meios de comunicação são frequentemente reprimidos de maneira severa e não podem influenciar ou opinar sobre as políticas públicas do Estado [98].

A FH reporta que a constituição da República Árabe Síria garante a liberdade de expressão e imprensa. Contudo, o que é observado é justamente o contrário. A liberdade de expressão é gravemente restrita: jornalistas e cidadãos comuns são monitorados e, se criticarem o governo, poderão ser censurados, detidos, torturados e até mortos durante a detenção. Toda a mídia precisa de uma autorização do Ministério do Interior para operar, o que só é garantido a apoiadores do governo. Os donos das grandes empresas sírias da mídia privada são, geralmente, pessoas ligadas ao governo. Nas áreas não controladas pelo governo, a liberdade da imprensa varia, mas, de maneira geral, a mídia é duramente pressionada a apoiar a facção que controla a área. Jornalistas são alvos constantes de violência física por forças do governo e grupos extremistas. A FH afirma que pelo menos nove jornalistas foram assassinados em 2018, elevando o número para 127 desde o começo da guerra civil em 2011. Ademais, a internet é amplamente monitorada pelo regime sírio, de modo que um dissidente que se manifeste em algum meio online pode ser rapidamente identificado pelo serviço de inteligência de Assad [99].

O relatório indica que a liberdade acadêmica na síria também é largamente restrita. Professores universitários que expressem dissidência política ou demonstrem apoio a oponentes do regime de Assad podem ser demitidos, presos ou até mortos pelo governo. Há relatos de que combatentes de todos os lados do conflito já atacaram escolas ou entraram em tais locais para recrutar forçosamente menores de idade para a suas fileiras. Ademais, grupos como o partido curdo sírio (PYD), Estado Islâmico e outros grupos fundamentalistas islâmicos criaram sistemas educacionais próprios nas áreas que controlam, sistemas esses que estão altamente sujeitos à doutrinação por parte do grupo que o controla. Ademais, o trabalho infantil e casamentos prematuros também contribuíram para a evasão escolar, que já é de mais de 50% no país. Tais fatores, somados a uma destruição generalizada da infraestrutura síria ao longo da guerra civil que, logicamente, também atingiu escolas e universidades; construíram uma crise educacional generalizada no país [100].

A liberdade de reunião também é amplamente restrita na Síria, conforme aponta a FH. Os protestos de oposição são combatidos a tiros e os manifestantes são comumente presos, torturados e mortos pelo regime de Assad. Grupos islamistas fundamentalistas, o PYD e outras facções rebeldes também já se valeram da violência para combater dissidências e manifestações civis. Além disso, o governo de Assad costuma negar o registro para ONGs que tenham missões reformistas ou de defesa dos Direitos Humanos. O regime sírio também costuma conduzir buscas e apreensões para deter ativistas civis e políticos que tenham visões oposicionistas. Com a eclosão da guerra civil em 2011, surgiram diversas redes da sociedade civil para monitorar os abusos de direitos humanos praticados por qualquer lado do conflito e para prestar serviços humanitários. No entanto, os ativistas de tais redes costumam enfrentar violência, intimidações e detenções arbitrárias por grupos armados governistas e rebeldes durante o seu trabalho, sendo a operação secreta o único meio que muitos grupos defensores de direitos humanos e de ajuda humanitária encontram para conseguir conduzir seu trabalho. Os sindicatos profissionais, por sua vez, são controlados pelo Partido Baath através da Federação Geral dos Sindicatos, a qual todas as organizações sindicais sírias devem ser associadas. De maneira geral, o relatório defende que há pouca igualdade de oportunidades, mesmo em áreas controladas pelo

governo que estão relativamente estáveis, pois o acesso ao emprego e ao investimento geralmente depende de afiliações pessoais, políticas ou comunitárias. Por fim, as pressões econômicas e políticas causadas pela guerra civil tornaram praticamente impossível qualquer relação trabalhista funcional em todo o país, contribuindo para uma crise trabalhista generalizada em todo o território sírio [101].

No que diz respeito ao Poder Judiciário da Síria, o relatório da FH indica que a constituição do país proíbe a interferência do governo no judiciário civil. No entanto, os juízes e promotores são obrigados a pertencer ao Partido Baath e, na prática, estão sujeitos à influência dos líderes políticos de tal partido. Ademais, os oficiais militares tem poderes para julgar os civis tanto em tribunais militares convencionais como em tribunais civis e não há garantias de que o devido processo legal será respeitado. Os civis podem recorrer de sentenças proferidas por tribunais militares, mas os juízes militares de todas as instâncias não são imparciais e estão subordinados ao comando militar. Por outro lado, grupos extremistas islâmicos criaram tribunais religiosos próprios em territórios de seu controle, impondo punições severas a civis que, de acordo com a sua interpretação, desrespeitem alguma lei religiosa. Por fim, o relatório afirma que o colapso geral da autoridade estatal e a proliferação de milícias em diversas regiões do país levaram a práticas contrárias ao que se deve prevalecer em um Estado Democrático de Direito, como detenções e execuções arbitrárias, justiça sumária e multas extrajudiciais [102].

O relatório da HRW, por sua vez, aponta que em abril de 2018 o governo sírio editou a Lei nº 10, que o permitiu estabelecer zonas de redesenvolvimento e reconstrução por decreto. Tal dispositivo legal empodera o Estado sírio para confiscar propriedades de seus residentes sem o devido processo legal e sem compensação adequada, uma vez que os proprietários de terra são obrigados a cumprir diversos critérios para comprovar o senhorio. O contexto da guerra civil somado ao deslocamento forçado em massa, à ampla falta de documentação adequada e a já fraca qualidade da manutenção oficial de registros na Síria, facilitaram que os direitos de propriedade sejam legalmente e amplamente violados no país. Além disso, o referido normativo legal não fornece nenhuma base para compensar o grande número de pessoas cujas propriedades foram destruídas ao longo do conflito. Em Qaboun e Darayya, o governo restringiu o acesso a residentes civis que tentavam retornar às suas casas e demoliu ilegalmente as propriedades particulares dos residentes, sem fornecer aviso prévio, moradia alternativa ou compensação [103].

A HRW afirma que Rússia clamou à União Europeia e outros Estados do Ocidente para que apoiem financeiramente a reconstrução da Síria, atualmente estimada em 250 bilhões de dólares. No entanto, os EUA e a UE afirmam que não financiarão a reconstrução da Síria enquanto não houver uma transição política democrática de acordo com a resolução 2254 do CSNU. Ainda assim, alguns países como a França e Suíça estão desenvolvendo projetos humanitários e de reconstrução em áreas que foram reconquistadas pelo governo. Em áreas controladas pelos rebeldes e pelas FDS, a maioria dos países ocidentais envolvidos permanecem a fornecer ajuda humanitária. No entanto, com a ascensão de grupos jihadistas fundamentalistas entre os rebeldes, alguns países ocidentais como os EUA, Reino Unido e Holanda diminuíram ou retiraram o seu financiamento para a recuperação do país [104].

O Artigo publicado pelo Fundo Monetário Internacional - FMI - Syria's Conflict Economy - avalia o impacto da guerra civil na Síria após cinco anos de conflito. O artigo salienta que as informações disponíveis sobre a economia da Síria são extremamente limitadas, uma vez que o governo parou de coletar e divulgar as informações com a eclosão do conflito. Ainda assim, o artigo defende que o impacto da guerra foi devastador e colocou o país em décadas de atraso em termos econômicos, sociais e humanos. Estima-se que, em cinco anos, o Produto Interno Bruto - PIB - da Síria reduziu-se em mais de 50% e que pode demorar mais de vinte anos para o país voltar ao montante anterior ao conflito. Ademais, o artigo indica que, de acordo com dados publicados pelo próprio governo sírio, a inflação entre março de 2011 e maio de 2015 tenha sido maior que 300% [105]. O Banco Mundial, por sua vez, aponta que a perda acumulada do PIB sírio entre 2011 e 2016 é estimada em US\$ 226 bilhões [106].

O artigo também aponta que, aproximadamente, mais de 60% da força de trabalho (3,5 milhões de pessoas) síria está desempregada, sendo que, de tal montante, 3 milhões perderam seu emprego por conta da guerra. Ademais, a taxa geral de pobreza do país estava em 83% em 2014 (em 2007, a taxa era de 12,4%). Diante da crise econômica que se propagou no país, diversos sírios, incluindo crianças, tiveram que buscar empregos informais para compensar a diminuição da renda familiar. Mais de dois terços dos sírios estão vivendo em situação de extrema pobreza, sem serem capazes de obter itens básicos como alimentação. O artigo aponta como principais causas para o aumento da pobreza a perda de propriedades (a ONU estima que em cinco anos mais de 2,1 milhões de residências foram destruídas), o desemprego, a deterioração do acesso a serviços públicos (como saúde e saneamento básico) e a inflação (sobretudo dos alimentos). As taxas de pobreza, segundo as autoras, são ainda maiores nas regiões mais afetadas pelo conflito [107].

No que tange à saúde, o artigo publicado pelo FMI aponta que as condições pioraram drasticamente desde 2011. A expectativa de vida da Síria era de 76 anos em 2010, mas caiu para 56 anos em 2014. Após cinco anos de conflito, diversas clínicas médicas foram fechadas, o acesso a serviços de saúde foi severamente restringido, cerca de um quinto de todas as unidades básicas de saúde não está operando, outro quinto está operando em níveis limitadíssimos e metade dos hospitais do país foram destruídos. Ademais, a proporção de médicos em relação a população caiu de 1 médico para cada 661 habitantes em 2010 para 1 médico para cada 4.000 habitantes em 2014. A indústria farmacêutica síria entrou em colapso, de modo que uma escassez generalizada de medicamentos causou um impedimento de acesso ao tratamento de doenças comuns e crônicas, especialmente entre a população mais pobre. A taxa de vacinação entre as crianças variava de 99 a 100% antes do conflito e caiu para algo entre 50 e 70% em 2015. Doenças que já haviam sido erradicadas da Síria voltaram a aparecer, como a poliomielite, sarampo e febre tifóide. A falta de acesso à água potável, alimentação segura e saneamento básico aumentou o risco de infecções e doenças como a leishmaniose, tuberculose e diabetes. O artigo estima que dois terços das crianças sírias estejam sem acesso à água potável, eque apenas um terço do esgoto sírio permanece sendo tratado de maneira adequada [108].

Outrossim, as autoras afirmam que os sírios estão tendo dificuldades para comprar itens básicos de alimentação por conta da contração na agricultura e inflação dos alimentos. A UNICEF estima que mais de 4 milhões de crianças e mulheres sírias estejam necessitando de assistência nutricional. Desde 2014 o regime de Assad cortou o subsídios ao pão, arroz, açúcar e água, além de ter fechado mercados e padarias públicas nas áreas controladas por sua oposição. Ademais, a guerra também destruiu boa parte da infraestrutura relacionada ao acesso à água e à eletricidade [109].

Em suma, ficam evidenciadas diversas outras circunstâncias que perturbam gravemente a ordem pública na República Árabe Síria: processo eleitoral questionável e não-democrático, controle da oposição, crise na economia, saúde, trabalho e educação, restrições à liberdade de expressão, reunião e acadêmica, judiciário parcial e sujeito à interferências externas, ausência do respeito ao devido processo legal, desrespeito ao direito à propriedade, dentre outras perturbações.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Diante da extensa pesquisa de país de origem, analisada à luz dos critérios de Cartagena, reconhecidos pela comunidade internacional, considera-se que a Síria apresenta grave diagnóstico institucional com múltiplas violações dos direitos humanos e, com fulcro no inciso III do art. 1º da Lei nº 9.474/97, submete-se à apreciação do Comitê Nacional para os Refugiados que reconheça a situação e Grave e Generalizada Violação de Direitos Humanos em todo o território da Síria com base nos critérios inspirados na Declaração de Cartagena, bem como ouvida a consideração do MRE.

Para tanto, recomenda-se ao Comitê Nacional para os Refugiados:

- Adotar procedimentos simplificados para a tramitação dos processos de reconhecimento da condição de refugiado de nacionais sírios;
- Que seja mantida a indispensabilidade de verificação de excludentes, com base no art. 3º da Lei nº 9.474/97:
- Que seja mantida a indispensabilidade de verificação de óbices, por parte de qualquer instituição ou de indivíduo;
- Que seja mantida a indispensabilidade de verificação de permanência em território nacional, inclusive podendo ser provada por meio de entrevista complementar; e
- 5. Por fim, considerando as mudanças no contexto interno do país, sugere-se que a atualização da decisão seja feita, no mínimo, após transcorridos 12 meses, a contar da data de decisão inicial pelo Comitê Nacional para os Refugiados, com a ressalva de que pode ser feita a qualquer momento caso haja mudança no contexto fático do país.

QUADRO RESUMO - APLICAÇÃO DE GGVDH SÍRIA

CRITÉRIO	COI - RESUMO PRINCIPAIS INFORMAÇÕES
1. VIOLÊNCIA GENERALIZADA	Alto número de mortes causadas por todos os lados do conflito, uso indiscriminado de armamentos considerados ilegais por diversas convenções internacionais (como armas químicas e bombas incendiárias), diversas pessoas feridas, aleijadas e mutiladas.
2. AGRESSÃO ESTRANGEIRA	Países que realizaram ataques em território sírio, independentemente do lado que tomaram: Estados Unidos (liderou uma coalizão na qual outros países como Reino Unido, França e Itália participaram), Turquia, Irã, Israel, Rússia, Coalizão de países árabes do Golfo Pérsico (liderada pela Arábia Saudita, contou com a participação de outros países como Kuwait e Qatar).
3. CONFLITOS INTERNOS	Participantes dos conflitos internos: Forças Sírias de Bashar al-Assad, Rebeldes (Exército Livre da Síria, Jihadistas Nacionalistas, Frente da Conquista do Levante), Estado Islâmico do Iraque e Síria, Unidades de Proteção Popular Curdas, Forças Democráticas Sírias, Hezbollah e Milícias Xiitas Estrangeiras.
4. VIOLAÇÃO MACIÇA DOS DIREITOS HUMANOS	Diversas violações reportadas como desaparecimento forçado, prisões arbitrárias, limitações ao direito de locomoção, deslocamento forçado, recrutamento forçado, sequestros, tortura, violência sexual, limitações de direitos de minorias.
5. CIRCUNSTÂNCIAS QUE TENHAM PERTURBADO GRAVEMENTE A ORDEM PÚBLICA	Diversas circunstâncias perturbam a ordem pública na Síria como processo eleitoral questionável e não-democrático, controle da oposição, crise na economia, saúde, trabalho e educação, restrições à liberdade de expressão, reunião e acadêmica, poder judiciário parcial e sujeito à interferências externas, ausência do respeito ao devido processo legal e desrespeito ao direito à propriedade.



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo de Almeida Tannuri Laferté**, **Coordenador(a)-Geral do Comitê Nacional para os Refugiados**, em 28/10/2020, às 15:36, conforme o § 1º do art. 6º e art. 10 do Decreto nº 8.539/2015.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site http://sei.autentica.mj.gov.br
Informando o código verificador 12507073 e o código CRC D7578F61
O trâmite deste documento pode ser acompanhado pelo site
http://www.justica.gov.br/acesso-a-sistemas/protocolo e tem validade de prova de registro de protocolo no Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Bibliografia e notas:

- $[1] \ https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html\\$
- [2] HUMUD, Carla E.; BLANCHARD, Christopher M.; NIKITIN, Mary Beth D. Armed Conflict in Syria: Overview and U.S. Response. 2015. Disponível em: https://www.fas.org/sgp/crs/mideast/RL33487.pdf
- [3] KRÓKOWSKA, K. The Fall of Democracy in Syria. **PERCEPTIONS: Journal of International Affairs 16**, 2011: 81-98. Disponível em: https://dergipark.org.tr/en/pub/perception/issue/48989/625048
- [4] ERLICH, Reese. Inside Syria: The Backstory of Their Civil War and What the World Can Expect. Amherst, New York: Prometheus Books, 2014.
- [5] ERLICH, Reese. Inside Syria: The Backstory of Their Civil War and What the World Can Expect. Amherst, New York: Prometheus Books, 2014.
- [6]* Partido Baath: o Partido Árabe e Socialista al-Baath foi fundado sob os preceitos da filosofia política Árabe do Baathismo que promove o nacionalismo secular árabe, o socialismo árabe, o panarabismo e o militarismo. O partido se opõe à cultura ocidental desde os seus primórdios, sendo uma grande resistência ao colonialismo Europeu que se deu na região após o fim da Primeira Guerra Mundial e defendendo tal colonialismo como o motivo principal para todos os problemas no mundo árabe. Na Síria, o movimento ganhou força na década de 40 e o partido foi fundado oficialmente em 1947. Em 1963, houve um golpe do partido no país que determinou que o Baath seria o único partido legal (fonte: https://rlp.hds.harvard.edu/fag/baath-party-syria).
- [7] KRÓKOWSKA, K. The Fall of Democracy in Syria. **PERCEPTIONS: Journal of International Affairs 16**, 2011: 81-98. Disponível em: https://dergipark.org.tr/en/pub/perception/issue/48989/625048
- [8] VISENTINI, Paulo. O Grande Oriente Médio: da descolonização a Primavera Árabe. Porto Alegre: Elsevier, 2014.
- [9] HOURANI, Albert. Uma História dos Povos Árabes. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[10] VISENTINI, Paulo. O Grande Oriente Médio: da descolonização a Primavera Árabe. Porto Alegre: Elsevier. 2014.

[11]* Hafez al Assad, pai de Bashar al-Assad, foi membro do partido Baath e da minoria sectária dos Alauíta, grupo sectário de vertente Xiita. Os Alauítas correspondiam a 12% da população Síria no início da Guerra Civil (enquanto Sunitas representavam 74%, Cristãos 10% e Druzos 3%). Os Alauítas são comumente caracterizados como uma ramificação do Xiismo (tal separação ocorreu há mais de mil anos) e têm em comum com tal vertente a veneração a Ali, primo e genro do profeta Maomé, como seu devido sucessor (os sunitas, por sua vez, reconhecem o sogro de Maomé, Abacar, como legítimo sucessor do profeta). No entanto, ao contrário dos xiitas tradicionais, os alauítas atribuem um caráter divino à Ali, adotam crenças de outras fés e filosofias em seus preceitos (como o Cristianismo, Neoplatonismo e Zoroatrismo) e possuem sua própria trindade sagrada composta por Maomé, Ali e Salmã, o persa (companheiro sahaba de Maomé). Os alauítas tendem a ser mais liberais com a religião: as mulheres não precisam cobrir seus cabelos, o consumo de álcool é liberado e as orações devem ser feitas mais em casa que em mesquitas, por exemplo. A maior parte dos alauítas vive na Síria, mas também há grupos minoritários vivendo em outros países como o Líbano e a Turquia. Os alauítas chegaram ao poder com Hafez al-Assad na Síria na década de 70 e Hafez e Bashar mantiveram o grupo na dominância do país, indicando diversos membros alauítas a maioria dos cargos políticos mais importantes do país, sobretudo àqueles ligados à segurança. No entanto, o secularismo do regime foi adotado, de modo que as crencas alauítas não foram incorporadas à legislação ou aos atos políticos do governo. Os alauítas foram historicamente perseguidos por outros grupos islâmicos que os consideram hereges, sobretudo pelos sunitas, de modo que boa parte das suas práticas e dogmas são mantidas em segredo até os dias atuais. Tal fato, aliado com a emergência de diversos grupos fundamentalistas islâmicos sunitas entre os rebeldes sírios, faz com que os alauítas sejam extremamente leais a Assad, pois temem o que pode acontecer com eles caso o presidente deixe o (fonte: https://www.reuters.com/article/us-syria-alawites-sectpoder idUSTRE8110Q720120202. https://international-review.org/minor-sect-ruling-syria-alawites/ https://www.telegraph.co.uk/news/2016/04/02/who-are-the-alawites/).

[12] DOSTAL, J. M. Analyzing the domestic and international conflict in Syria: are there lessons from political science? Syria Studies, 2014, 6 (1), 1-80. Disponível em: https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-55584-7

[13] DOSTAL, J. M. Analyzing the domestic and international conflict in Syria: are there lessons from political science? Syria Studies, 2014, 6 (1), 1-80. Disponível em: https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-55584-7

[14] MAIA, 2007

[15] DOSTAL, J. M. Analyzing the domestic and international conflict in Syria: are there lessons from political science? Syria Studies, 2014, 6 (1), 1-80. Disponível em: https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-55584-7

[16] DOSTAL, J. M. Analyzing the domestic and international conflict in Syria: are there lessons from political science? Syria Studies, 2014, 6 (1), 1-80. Disponível em: https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-55584-7

[17] https://rlp.hds.harvard.edu/faq/baath-party-syria

[18] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995

[19]* A Guerra Civil Libanesa eclodiu em abril de 1975 e opôs os Cristãos Católicos Maronitas da Frente Libanesa ao Movimento Nacional Libanês, constituído por muçulmanos progressistas que desejavam uma porção maior de poder político. Durante a ocupação francesa, foi estabelecido um sistema "confessional" que reservava certos cargos do governo para cada grupo religioso. Sob esse sistema, os maronitas conseguiam controlar a Câmara dos Deputados, responsável por escolher o presidente, o que gerava descontentamento dos muculmanos, que cresciam em números no Líbano. Outro motivo para a Guerra Civil libanesa foi a chegada de Yaser Arafat e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) ao Líbano, que havia sido recentemente expulsa da Jordânia. Os grupos muçulmanos libaneses apoiavam a OLP (que em contrapartida auxiliou os muçulmanos libaneses na guerra civil contra os maronitas) contra Israel. Os cristãos maronitas, por outro lado, desejavam a neutralidade do país, pois temiam que eventuais ataques da OLP partidos do Líbano poderiam gerar retaliação, e até ocupação, por parte de Israel contra o Líbano, o que de fato se concretizou em 1978 e 1982. Egito, Iraque e Líbia apoiaram facções muçulmanas na guerra civil, enquanto os Estados Unidos, Israel, Arábia Saudita e Síria apoiaram grupos cristãos. Em junho de 1976, o governo libanês dominado por maronitas solicitou o apoio militar da Síria, o que foi atendido por Hafez al-Assad. Em 1989 a Guerra Civil Libanesa teve fim, com o Acordo de Taif assinado e mediado por nações árabes lideradas pela Arábia Saudita. O acordo aumentou a participação política dos grupos muçulmanos no Líbano e reconheceu o papel da Síria como garantidor da segurança no Líbano. A Síria permaneceu ocupando o Líbano por décadas, sem que o Líbano solicitasse a retirada das tropas, já que tal ocupação era de interesse de ambas as partes: a Síria aumentaria sua influência na região e, em contrapartida, garantiria que nenhum grupo religioso fundamentalista tomasse para si o poder excluindo os demais $(fonte: https://www.cfr.org/backgrounder/middle-east-syria-and-lebanon)\;.$

[20] https://www.cfr.org/backgrounder/middle-east-syria-and-lebanon

[21] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995

[22] https://rlp.hds.harvard.edu/fag/baath-party-syria

[23] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995

[24] Ibid

[25] Ibid

[26] Ibid

[27] Ibid

[28] Ibid

[29] Ibid

[30] Ibid

[31] Ibid

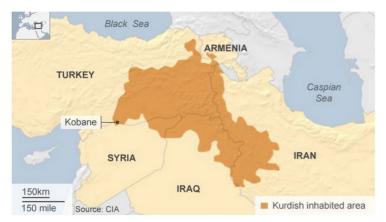
[32] Ibid

 $[33] \ https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html \\$

[34] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995

- [35] https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html
- [36] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995
- [37] https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html
- [38] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995
- [39] https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html
- [40] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995
- [41] https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html

[42]* Os curdos correspondem ao quarto maior grupo étnico do Oriente Médio (estima-se que por volta de 25 a 35 milhões de curdos habitem a região montanhosa na área fronteirica da Turquia, Iraque, Síria, Irã e Armênia), mas nunca conseguiram obter para si um Estado permanente e independente. Os curdos formam uma comunidade distinta, unida pela etnicidade, cultura e idioma (embora eles não possuam um único dialeto padrão). Apesar da maioria dos curdos ser muçulmana sunita, eles também não possuem uma única religião. No início do século XX, houve uma ascensão do nacionalismo curdo e o desejo da criação de um Estado próprio (geralmente nomeado como "Curdistão") ganhou força. Após o fim da Primeira Guerra Mundial e a respectiva assinatura do Tratado de Paz de Sèvres entre as potências vencedoras e o Império Turco Otomano, houve a pretensão da criação de um Estado curdo. No entanto, tal iniciativa foi frustrada três anos depois, com o Tratado de Lausanne, que estabeleceu as fronteiras da Turquia atual e deixou os curdos como minorias étnicas na Turquia e em outros países da região. Nos 80 anos seguintes, qualquer iniciativa curda para o estabelecimento de um Estado independente foi brutalmente reprimida. Na Síria, estimase que os curdos correspondam a algo entre 7 e 10% da população, dos quais a maior parte vive nas cidades de Damasco, Alepo ou no nordeste do país. Ao longo dos governos de Hafez e Bashar al-Assad, os curdos possuíam direitos restritos (alguns tiveram a cidadania negada e/ou suas propriedades confiscadas). Com a eclosão da Guerra Civil em 2011, os curdos inicialmente mativeram a neutralidade. Em 2012, as forças sírias que ocupavam o nordeste do país de maioria curda deixaram a região para lutar contra os rebeldes, de modo que os curdos tomaram o controle local e passaram a se organizar de maneira autônoma. Em meados de 2013, o ISIS atacou o nordeste da Síria, que já estava sob controle curdo, fazendo com que o braço armado do PYD, o YPG, entrasse definitivamente na Guerra Civil síria. Aliados a milícias árabes locais e sob a bandeira das Forças Democráticas Sírias, os curdos foram uma das principais forças na luta contra o Estado Islâmico. Seu ímpeto para conter o califado somado à radicalização islamista dos rebeldes que lutam contra Assad fez com que a coalizão internacional liderada pelos EUA optasse por apoiar militarmente as FDS, mesmo sob os protestos turcos. Em 2014, os partidos curdos, incluindo o maior de todos (PYD), declararam a criação de três cantões autônomos em Afrin, Kobane e Jazira. Em março de 2016, os curdos sírios anunciaram o estabelecimento de um "sistema federal" na região, o qual foi rejeitado pelos governos sírio, americano e turco. Eles declararam que não buscam necessariamente a independência, sendo que seus principais obietivos são o reconhecimento de seus direitos, incluindo a autonomia para administrar a região em que habitam. Assad declarou que irá retomar todas as áreas dominadas pelos curdos através de negociações ou pela força, caso necessário, e que o seu governo jamais admitirá qualquer tipo de autonomia ou federalismo. O mapa abaixo mostra a distribuição populacional curda no Oriente Médio (fonte: https://www.bbc.com/news/world-middle-east-29702440)



- [43] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995
- $[44]\ https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html$
- [45] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995
- [46] https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html
- [47] https://www.bbc.com/news/world-middle-east-14703995
- $[48]\ https://edition.cnn.com/2013/08/27/world/meast/syria-civil-war-fast-facts/index.html$
- [49]* ONG sem fins lucrativos registrada e administrada na Suíça que rastreia e registra violações de direitos humanos que ocorrem na guerra civil da Síria. A ONG foi fundada em abril de 2011 e, para manter sua imparcialidade, só aceita doações e financiamento de entidades neutras, independentes e sem elos com qualquer parte do conflito. Para coletar as informações, a VDC conta com uma equipe de mais de 30 profissionais que estão na Síria.
- [50] https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214109X17304692
- [51] http://www.syriahr.com/en/?page_id=1030
- [52] http://www.syriahr.com/en/?p=122008
- [53] http://www.syriahr.com/en/?p=120851
- [54] Ibid.
- [55] https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/syria
- [56] https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/syria
- $[57] \qquad https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-war-and-why-quicktake-jqwig5e7$

- [58] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- [59] https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-igwig5e7
- [60] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [62] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [64] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [66] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [68] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [70] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [72] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- [73] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [75] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-01-14/who-s-still-fighting-in-the-syrian-warand-why-quicktake-jqwig5e7
- [77] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- https://www.washingtonpost.com/world/2019/10/07/brief-history-syrian-democratic-forceskurdish-led-alliance-that-helped-us-defeat-islamic-state/
- [79] https://www.aljazeera.com/news/2020/01/ukraine-iranian-missile-hit-unconfirmed-200110110317509.html
- [80] https://www.cfr.org/syria/s-syrias-civil-war/p38607
- [81] Ibid
- [82] https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/syria
- [83] Ibid
- [84] Ibid
- [85] Ibid
- [86] Ibid
- [87] Ibid
- [88] Ibid
- [89] Ibid [90] Ibid
- [91] Ibid
- [92] https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2019/syria
- [93] Ibid
- [94] Ibid
- [95] Ibid
- [96] Ibid
- [97] Ibid
- [98] Ibid
- [99] Ibid
- [100] Ibid
- [101] Ibid
- [102] Ibid
- [103] https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/syria
- [104] Ibid
- [105] https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2016/12/31/Syrias-Conflict-Economy-44033
- [106] https://www.worldbank.org/en/country/syria/overview#1
- [107] https://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2016/12/31/Syrias-Conflict-Economy-44033
- [108] Ibid
- [109] Ibid